

EM TEMPO!

Semanário Nacional • Ano II • N.º 87 • 25 a 31 de outubro de 1979 • Cr\$ 20,00

EXCLUSIVO

Tortura no Pará
PMs se viciam campanhas com
torturas sexuais escabrosas
(Pág. 16)



500 MIL METALÚRGICOS PODEM PARAR S. PAULO

Em assembléias neste fim de semana os metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos votarão a proposta de greve, diante da intransigência dos patrões às suas reivindicações. Quais os efeitos de uma paralisação de meio milhão de operários? Como está sendo organizada a possível greve? Aqui, um prognóstico do que pode vir a ser a maior movimentação grevista do país. (Págs. 7 a 9)

PC do B

Do surgimento à preparação da guerrilha do Araguaia

(Pag. 12)

Reforma partidária

O que querem os pornocratas

(Pág. 3)

Nicarágua

Manágua vista de dentro

(Pág. 13)

PT

Alastra-se nucleação

(Pág. 5)



editora brasileira
**A VENDA
NA SEDE E
SUCURSAIS
DO
EM TEMPO**

SAIU «SEXO E PODER»

Um lançamento jornal EM TEMPO/ Editora Brasileira: Agulnaldo Silva, Jean Claude Bernadet, Guido Mantega, João Quartim e outros mais analisam, entre outros, os seguintes temas: Homo-sexualismo e Repressão; Violação: ato de sexo ou de poder; O campo socialista e a revolução sexual; O escândalo da melancia; As ciências do sexo e os feiticeiros da repressão etc.

cba e operários em Brasília

As vésperas de seu primeiro aniversário, o CBA de Belo Horizonte procura agora redefinir a luta pela anistia, colocando-a mais concretamente ao lado dos trabalhadores. Na semana passada, dia 18, o presidente da entidade juntamente com parlamentares do MDB estadual estiveram em Brasília, numa comitiva composta por 8 operários que participaram e sofreram das violências das recentes greves em Belo Horizonte. Junto, levaram uma longa carta de protesto contra as arbitrariedades - prisões, torturas nas delegacias de polícia de Contagem, etc - que leram na Câmara e no Senado para, em seguida, em audiência especial com o ministro do Trabalho Murilo Macedo, enfatizarem a denúncia e pedirem providência.

O Ministro, como é de praxe, pediu tempo para ler o documento e dar qualquer resposta, limitando-se na hora, às irrelevantes perguntas protocolares.

Para a festa do aniversário, o CBA prepara para dia 26 próximo um debate no auditório da Faculdade de Direito da UFMG com a presença de vários recém anistiados, entre eles: Vladimir Palmeira, Jair Ferreira, Diógenes Arruda, Elza Moner et. Todo mundo lá. (Antonio Dias)

diretoria à solta

Os terroristas voltam ao ataque, agora sob a denominação de «Movimento de Reorganização Nazista». Já atacaram Lourdes Cedran, mulher do físico Mário Schenberg, em sua própria casa. E estão fazendo constantes ameaças de morte, por telefone, a uma série de intelectuais e às suas famílias. Entre os ameaçados: o próprio Mário Schenberg, o pintor Mário Gruber, o empresário José e Mindlin, os jornalistas Bernardo Kucinski, Alberto Dines, Flávio Rangel.

Membros da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e da Sociedade Brasileira de Física, da qual Schenberg é presidente, já vieram a público para condenar as ameaças e o atentado até agora perpetrados pelos terroristas e manifestar solidariedade aos atingidos.

Diante das organizações de extrema-direita é essencial levantar duas questões, para procurar barrar os seus propósitos: ampliar ao máximo a solidariedade às suas vítimas, efetivas ou em potencial, e difundir o seu verdadeiro caráter, ou seja, deixar claro que sob a denominação de "nazistas" escondem-se os velhos terroristas comprometidos com o aparelho repressivo da ditadura.

albernaz: hoje, coronel

Uma disputa financeira entre quatro japoneses acabou trazendo de volta aos jornais um famoso torturador: Benone de Arruda Albernaz, hoje coronel do II Exército.

Tudo começou quando Koji Hano e Kazumitsu Egawa fizeram um empréstimo bancário de 165 mil cruzeiros e foram avalizados por Toshihiko Takada e Issen Nakayama. Koji e Kazumitsu não pagaram o empréstimo e cederam um caminhão para que Toshihiko e Issen o vendessem e pagassem a dívida. Os dois venderam o caminhão e acabaram dando o calote, não pagando também os 165 mil ao banco.

Koji e Kazumitsu resolveram então apelar. Chamaram seu amigo Benone de Arruda Albernaz. Dia 17 passado, Albernaz foi com um Gálexie chapa oficial, com mais dois policiais, até a casa dos avalistas, que foram

Maria da Conceição Gontijo de Lacerda chegou a Paris há 3 semanas. Há quase dois meses ela está diretamente ligada à fuga de Teodomiro, seu esposo, ex-prisioneiro político pela razão de não estar mais atrás das celas. Não sendo anistiado, fugiu e se encontra no exterior. Agora ela se acha no centro de uma situação política e policial muito delicada, provocada pelos métodos da Polícia Federal do Brasil: depois de desembarcar em Paris e de ajojar-se, descobriu que a mala de seu filho Fernando, além das roupas próprias de um bebe de dois meses de idade, continha heroína e maconha em quantidade suficiente para uma condenação a 15 anos de prisão, conforme lhe disse um comissário da polícia francesa.

Conceição confirma que Teodomiro se encontra fora do Brasil: "Se Teodomiro não estivesse na Europa, eu diria que estava, Aliás, não diria não. Seria muito risco para a vida dele, pois poderia ser morto no Brasil e a repressão nem teria que prestar satisfação... "Eu não sairia do Brasil sem a certeza de que o Teodomiro está aqui fora. Está aqui, e está bem".

A confirmação definitiva de que Teodomiro não mais estava no Brasil veio pelo próprio Teodomiro, que se comunicou com Conceição e a aconselhou a vir para Paris. Agora, "está tudo bem, tudo seguro, tudo tranquilo".

Como Conceição explica a fuga de Teodomiro? "Foi uma porrada na ditadura, para desmascarar a abertura", já que ainda há presos políticos. O governo Figueiredo ma-

notícias de teodomiro

nobra com inteligência para mostrar a existência de uma abertura, quando o que há, de fato, é a institucionalização da ditadura. Sairam os atos institucionais e complementares, ficou a Lei de Segurança Nacional, criou-se o decreto contra o movimento operário e contra a UNE.

Os entorpecentes da polícia federal

Na sua vez de sair do Brasil, as coisas se complicaram para Conceição já na pesagem das bagagens. A VARIG cobrou cerca de 12 mil cruzeiros de excesso de bagagem. O Deputado José Eudes (MDB-RJ) conseguiu levantar uns 7 mil, que acabaram cobrindo todo o excesso transportado, pois Conceição retirou alguns quilos das bagagens antes de embarcar. Conceição tem uma desconfiança bem fundamentada com relação à VARIG: pode-se duvidar que a empresa tenha criado obstáculos no seu embarque ao cobrar a bagagem do bebê. Mas é clara a responsabilidade da VARIG ao concordar que a Polícia Federal abrisse as malas de Conceição (ou fosse conivente com isso) e nelas colocasse entorpecentes. Segundo Conceição, a Polícia Federal procurou desmoralizar a imagem pública de Teodomiro, cuja fuga da prisão e do Brasil mobilizou diversos setores: "escândalo com a imagem de Teodomiro, envolvendo-o com tóxicos através de minha pessoa". A Polícia Federal procurou vingar-se, mas "o tiro saiu pela culatra": utilizou esse artifício primário de fazer Conceição transportar entorpecentes para a França. Foi tão primário que a polícia fran-

cesa reconheceu que se tratava de coisa forjada: a coisa, contudo, não parou no comissariado de polícia. Até mesmos altos escalões do governo francês tiveram que intervir depois que Conceição, aconselhada e assistida pelo Alto Comissariado para Refugiados (ONU) e CBA-Paris, apresentou queixa à polícia com o apoio de três testemunhas francesas. Um policial lhe disse que a polícia francesa não havia sido avisada do Brasil, mas que houve confusão na Polícia Federal quanto ao horário de verão que vigorava na França. Assim, a polícia procurou Conceição no Aeroporto com uma hora de atraso em relação à chegada do avião. É claro que Conceição teria todo tipo de problemas para entrar na França, caso suas bagagens fossem revistas e encontrado o tóxico. Isso tudo a leva a concluir que a coisa foi feita de propósito, embora de forma absurda: "se a polícia brasileira sabia que eu portava tóxicos, porque não me prendeu no Galeão?".

Se indultado, Teodomiro não deve voltar ao Brasil. Voltaria apenas através da anistia ampla, geral e irrestrita. "Por uma questão de princípios políticos". Portanto, ele e Conceição deverão passar pelos caminhos já conhecidos pelas centenas de ex-exilados brasileiros: procura de trabalho e de escolas, moradia e creche para os filhos, buscas de documentos pessoais, etc. Ela já encontra na condição de "protegida da ONU", que significa que seu estatuto de refugiada está em andamento. Dentro de algumas semanas se terá novidades sobre Teodomiro. (Eliete Rizzo, de Paris).

gaúchos: ubes pela base

Com o objetivo de unificar as lutas dos estudantes secundaristas de Porto Alegre e de organizar uma oposição à diretoria da UMESPA (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de P.A.) treze grêmios estudantis promoveram, no dia 20 deste mês, o II Encontro Metropolitano dos Estudantes Secundaristas.

Uma novidade neste encontro: o lançamento do livro «A Luta do Movimento Estudantil Secundarista», pela Editora Movimento, escrito por Flávio Silveira. Um texto que procura analisar o desenvolvimento das lutas estudantis no interior dos colégios, o papel repressivo que exercem as direções das escolas e a força política do movimento secundarista.

Após o lançamento do livro, os estudantes discutiram as formas de organizar unitariamente a sua intervenção. Foram deliberados dois eixos prioritários de luta. O primeiro, uma resposta à diretoria da UMESPA que na última hora se

negou a encaminhar eleições diretas, através de uma greve estatutária, pretende se manter na entidade por mais um ano. Foi aprovada, como instrumento de pressão, a proposta de uma concentração na frente da sede da UMESPA e a divulgação deste acontecimento a toda população através de uma carta aberta. O segundo, o encaminhamento de uma luta por mais 30% de vagas para o próximo concurso vestibular. Para isso, os secundaristas pretendem formar comitês por colégios ou cursinhos e uma comissão organizadora que centralize e coordene o movimento.

Outra questão discutida foi a necessidade de que o processo de reconstrução da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) seja encaminhado de forma democrática, através de uma ampla discussão e assim, assuma um caráter consequente.

No final da reunião, os secundaristas acertaram as questões organizativas necessárias (Da sucursal).

chegou a vez do delator

Mais de 700 jornalistas pediram uma Comissão de Sindicância à diretoria do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo para averiguar a participação de CLAUDIO MARQUES nos episódios que levaram à prisão, tortura e morte de Vladimir Herzog. (25.10.74). Essa comissão, cujo relator foi Hélio Bicudo, realizou seu trabalho (inclusive ouvindo o acusado) e concluiu que Cláudio Marques agiu "com má conduta" no caso Herzog. Ou seja, deduziu e ateu a repressão contra Vlado, por meio de artigos publicados antes de sua prisão. Numa assembléia-geral da categoria, realizada no último dia 22, foi endossado o parecer da diretoria — que pede a expulsão de Cláudio Marques dos quadros do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo —, mas ficou decidido ampliar o debate sobre o caso em todas as redações e realizar uma assembléia-geral definitiva no prazo de três semanas. (CT)

mais sequestradores dos uruguaios

O número dos policiais indiciados pela justiça no já famoso sequestro dos uruguaios irá aumentar. Agora é o policial do DOPS João Augusto da Rosa, que usa o codinome Irmão, que irá se juntar a seus companheiros Janito Jorge dos Santos Keppler, Orandir Portasi Lucas (Didi Pedalada) e Pedro Seelig, no processo que corre na 3ª Vara Criminal, acusados de participação no sequestro e enquadrados na Lei Federal 4.898, que dispõe sobre abuso de autoridade.

Na semana passada, a edição do semanário Rio Grande, através de informações anônimas. A indicação levou os repórteres da revista Veja, Luis Cláudio Cunha e João Batista Scalco, à identificação do mesmo policial como sendo o que chefiava a operação do sequestro no dia 17 de novembro passado. A gora só falta o peixe grande: o cel. Atila Rohrsetzer. (Da sucursal)



prestes, o pcb e o mdb

Prestes chegou. Sábado, cerca de duas mil pessoas lotaram o saguão do aeroporto do Galeão para saudar o retorno do Cavaleiro da Esperança e o secretário geral do Partido Comunista Brasileiro.

E o velho foi logo nas primeiras falas cortando o papo de seus camaradas "eurocomunizantes": a ditadura está aí, na íntegra; portanto nada de Constituinte com o João. E reafirmou a velha tese: Constituinte só com o fim do regime militar e com plenas liberdades democráticas.

Hércules Correa, um dos membros do Comitê Central já no Brasil, desde a Bahia, contra-atacou: é preciso acabar com este negócio de secretária geral do partido. O PCB deve se modernizar e, para tanto, passar a ter uma direção colegiada. E mais: é urgente que nos reunamos, todos os do Comitê Central, no país, para uma análise da conjuntura.

Do Rio, pela imprensa, Prestes retrucou imediatamente: nada de reuniões, pois a ditadura está de pé; e mais: não sei se a solução para o Brasil poderá dispensar a luta armada. E reafirmou-se como secretário geral que não pensa em acabar com o cargo.

Enquanto isso, nas oposições bem comportadas, as referências ao PC são, no mínimo, hipócritas. D. Avelar, cardeal na Bahia e primaz do Brasil, viu-se obrigado pela presença de Hércules a vir a público: o comunismo é ateu e portanto não há ponto em comum conosco, católicos. Além do mais, se sua legalização é um direito democrático, cumpre reconhecer que no momento, é inoportuna. Pode bagunçar o coreto, foi o tom da nota oficial do cardeal.

Hércules tem jogo de cintura. Imediatamente respondeu: nós, os comunistas muito ganharíamos se retirássemos a profissão de ateísmo de nosso programa; é um dos pontos que nosso VII Congresso deverá examinar.

No MDB, a situação é parecida com a da Igreja: quem distância do diabo, principalmente quando agora



o governo quer liquidá-lo como uma frente espúria. Vê-se bem até onde vai, de fato, a "frente das oposições". O líder no senado, Paulo Brossard, foi categórico: "Não sei o que os comunistas fariam no MDB, que é um partido democrático"; ou seja, é melhor que eles fiquem de fora, ou que, no máximo, façam de conta. Assim, ninguém estranhou porque até agora, ao contrário dos "grandes exilados" nenhum notável do MDB convidou Prestes a entrar para o partido.

Cai a máscara, mais uma vez, da oposição parlamentar. Os senadores da oposição, por exemplo, agora, ao lançarem o manifesto público declarando sua intenção de se manterem unidos num novo MDB, caso este seja extinto, esqueceram (será mesmo?) de colocar entre seus princípios básicos de luta para o momento, a liberdade partidária. (Flávio Andrade).

SAIU POLEMICA Nº 2

LENIN:
— Teses de Abril
— Cartas de Longe

UM LANÇAMENTO DA EDITORA VEGA S/A.

À venda nas boas livrarias

Reforma partidária

Uma obra de pornocratas

O que quer o governo? O MDB quer sua sobrevivência. E nós?

Por Flávio Andrade

Uma verdadeira obra de pornocratas. Assim o líder do MDB na Câmara, deputado Freitas Nobre, caracterizou o projeto de reforma partidária do regime, agora enviado ao Congresso para tramitação de urgência.

O projeto chegou na quinta feira da semana passada ao legislativo e, desde então, tem causado o mais veemente repúdio da parte de todas as oposições minimamente consequentes.

Ao que tudo indica, segundo impressões dos repórteres que cobrem o Planalto, o texto recebeu correções de última hora — o que chegou inclusive a atrasar o envio do documento por algumas horas além do anunciado — e isto pode, em parte, ser a explicação para algumas flagrantes aberrações técnicas que contém. As quais, aliás, o ministro da Justiça Petrônio Portella já adiantou serem passíveis de negociação classificando-as de "detalhes bobos".

Trata-se, por exemplo, do prazo de 8 meses para o cumprimento de todos os passos necessários ao registro do partido junto ao TRE.

A reação da oposição

Mas a essência do projeto não está nisto. São aí filigranas menores a enfumegar o fundo da questão.

Para a oposição parlamentar, o essencial está no artigo 2.º do projeto do governo: "Ficam extintos os partidos criados... pelo ato complementar n.º 4 de 20 de novembro de 1965". Ou seja o MDB e, por via das conveniências e das aparências, também a Arena.

Ulisses Guimarães, presidente do MDB foi, como de estilo, ferino na sua resposta ao governo, especialmente endereçada ao general de cavalaria que hoje montou presidência na República: "o projeto é o artigo 2.º, e ponto. Trata-se de uma legislação infame e fascista; o Congresso Nacional não é uma cocheira do Palácio do Planalto e os parlamentares não são seus cavalariços". O que o governo quer, reafirmou Ulisses, é pura e simplesmente acabar com o MDB pois teme seus votos crescentes junto ao eleitorado.

A Arena, apesar do servilismo de costume, percebeu a falta de vaselina do projeto — na exposição de motivos confessa-se cruamente o propósito de se acabar com "uma frente, expediente tão conhecido quanto cediço" — bem como as aberrações técnicas dificultadoras até mesmo para a constituição do partido oficial e, num primeiro momento, calou-se perplexa diante da saraivada da oposição.

Mas, logo, seus líderes foram chamados a Palácio e de lá voltaram, depois de um bom papo, falando das alterações negociáveis e tentando sair da defensiva.

Modelo alemão

Fora do eixo parlamentar, até mesmo o jornal O Estado de São Paulo, por exemplo, em editorial do dia 23, repudiou o projeto como uma trama kafkiana, anti-democrática por essência. Mas, cauteloso como sempre, recomendou a via das emendas a serem

tentadas no legislativo e tomou igual distância do tom da resposta de Ulisses. Espanto — será mesmo? — foi o editorial de Mino Carta na Isto É: "Não se queixem; aproveitem o espaço" é o título e já basta para o bom entendedor...

No interior da revista, o jurista Raimundo Faoro, no entanto, define bem os propósitos da reforma partidária que o governo apresenta: ao igual que na Alemanha, trata-se de construir um bipartidarismo de fato, com a alternância do poder restrita a dois contendores, cada qual constelando ao redor de si, através das coligações, todo um leque de partidos menores. Ou seja, com a liquidação do MDB, separa-se no seu interior um embrião de uma "oposição responsável", apta ao poder — Tancredo e quejandos — ao redor da qual, gravitarão, em todos os

pleitos decisivos para o executivo, alguns partidos menores. E estes, sempre sob a ameaça de deixarem de existir a qualquer momento como castigo por suas votações reduzidas.

Mas, para as oposições populares, o fundo do gesto pornô do regime não está na extinção do MDB. Muito mais graves do que isto, para os objetivos de uma real democratização da vida política, são os obstáculos da mais variada ordem interpostos à construção de novos partidos.

Verdade que aí não há muita novidade em relação à situação atual. Pois de acordo com a legislação vigente para a formação de partidos é necessário colher assinaturas — o projeto substitui por votos que de fato são mais fáceis — de no mínimo 7% do eleitorado votante na última eleição em pelo menos 7 estados e ao longo de

um ano. Além disto deve-se também ter Diretórios regionais funcionando em 12 estados da federação; com um mínimo de 1/4 dos municípios destes estados apresentando Diretórios municipais — a mudança agora é restritiva, exigindo 1/3.

As condições para a criação destas bases municipais são as mesmas — foram mantidas (ver box ao lado). E, para quem não sabia, na lei vigente o partido que não elege nos pleitos gerais pelo menos 12 deputados federais, ao mesmo tempo fazendo no mínimo 5% dos votos totais distribuídos em pelo menos 7 estados, com um mínimo de 7% dos votos em cada, estaria cancelado. Ou seja, mudam os números, mas a mecânica é a mesma. Só que com uma exceção: na lei vigente, os parlamentares eleitos por partidos logo a seguir cancelados, não perdem seus mandatos. No projeto, eles são cassados.

O projeto do governo, portanto, é, praticamente, tão ou mais absurdo que o amontoado de casuismo que se fez em 65 para a efetivação do bipartidarismo.

Comparando, por exemplo, com o pré-65, não há nada em comum. Quando, pode-se dizer, afora as restrições qualitativas, reinava uma relativa facilidade para a criação de partidos — inquestionavelmente um dos requisitos para uma efetiva liberdade partidária. Lá as exigências eram mínimas. Presença em uns poucos estados de subscritores-fundadores; nada de percentuais de parlamentares, votos ou assinaturas de eleitores para a fundação do partido; nada de cassações pela não obtenção de percentagens nas eleições etc.

Comparando assim, com o Brasil do pré-golpe, que não é nenhum exemplo de democracia, a legislação vigente bem como o projeto do governo são, inquestionavelmente, grotescos. Haveria que destacar também toda a regulamentação detalhadíssima da vida interna dos partidos obrigando-os a uma estrutura de funcionamento hiper burocrática, parlamentarista, portanto anti-democrática.

MDB só quer saber dele próprio

Mas a atitude do MDB, qual tem sido? O partido da oposição até agora não saiu a campo com uma campanha por uma efetiva liberdade de manifestação e organização partidária. Pelo contrário, o que seus líderes têm dito é que se o governo retirar a extinção do MDB, o resto eles topam negociar. O resto, ou seja, nós. Nossa liberdade de organização partidária. Tanto Bossard quanto Ulisses têm sido claros nesta questão. Um gesto de boa vontade do governo para com o MDB terá em troca, o mesmo gesto para com o governo, ignorando olímpicamente, como se nem existissem, as demais forças políticas tolhidas pela reforma do regime.

O MDB fechando-se em si mesmo, perde a chance de apresentar um substitutivo e lançar-se a uma campanha de fato pela plena liberdade partidária. E assim, mais uma vez, e agora na hora de sua morte, num grotesco espetáculo, o MDB se mostra contracenante da própria pornocracia que ele tem denunciado.

O jogo do pluripartidarismo

Aqui, trocado em miúdos, o jogo que o governo propõe para as oposições populares ingressarem na vida partidária. Leia atentamente e aprenda os truques para se precaver.

1 Se você teve a divina bênção de ser brasileiro, alegre-se. Faça um convéscoite qualquer, reunindo no mínimo 101 amigos. Lá pelas tantas, assinem um MANIFESTO A NAÇÃO, um ESTATUTO e um PROGRAMA. Em seguida proclamem-se fundadores de um partido e escolham uma COMISSÃO DIRETORA NACIONAL. Simples e fácil. Vocês acabaram de dar o primeiro passo necessário à fundação de uma agremiação política perfeitamente adequada aos novos tempos da democracia do João. PS: não se esqueçam de escolher um nome para o dito; e que comece por PARTIDO...

2 Vocês já estão no exercício da democracia: ótimo não? Bem, o segundo passo também é simples: publiquem os documentos partidários na Imprensa Oficial; é de graça. Mas como infelizmente ninguém lê esta imprensa, a lei manda que vocês se virem: arranjam algumas dezenas de milhares de cruzeiros e façam a mesma publicação por duas vezes, num "jornal de grande circulação nacional". Se vocês não conseguiram o dinheiro desistam da empreitada e contentem-se em permanecer como eleitores. Afinal, partidos são coisa séria.

3 Certifiquem-se que vocês não proclamaram nenhum "credo religioso, sentimento de raça ou de classe", em meio às suas definições políticas. Do contrário não conseguirão ir muito adiante. Vocês devem acreditar, e dizê-lo, que coisas como burguesia e proletariado, patrões e trabalhadores e outras do gênero, pertencem ao estreito domínio da intimidade de cada um, assim como a cor ou a religião. Enfim, se sua roda de amigos e convidados ao convéscoite está fechada com um Ludwig ou um Amador Aguiar, desistam, pois na democracia não cabem ressentimentos apriorísticos.

4 Além disto previnam-se de tentações quanto a filiações internacionais: "partidos, governos ou entidades". Nada disto lhes fará bem, pois afinal, nossos problemas são 100% nacionais e ideologias alienígenas estão sempre atrás de interesses escusos. Contudo, se vocês tiverem ótimas relações "não políticas" com alguns filantropos senhores, sobretudo norte-americanos, ávidos em abatimentos de imposto de renda, considerem-se uns afortunados. Vocês têm meio caminho andado. Mas se já transgrediram esta moral, e mais, se já tiverem publicado os documentos, cuidem-se: vocês podem ser processados com base na Lei de Segurança Nacional por tentativa de organização de partido subversivo.

5 Se vocês vieram até aqui, não desanimem, já foi um bom pedaço. Agora vocês devem nomear outras rodas de amigos em outros estados que, por sua vez nomearão outras mais em vários municípios, como numa corrente geográfica. Estes amigos devem, para se proclamar COMISSÕES DIRETORAS regionais e municipais, e também assinar declarações dizendo concordar com os documentos partidários publicados.

6 Isto feito, vocês estão aptos a pleitear junto ao Tribunal Superior Eleitoral a largada para, num prazo de 8 meses, estarem devidamente registrados como partido. O TRE vai conferir tudo direitinho, nome por nome, palavra por palavra; se tudo estiver OK, está dada a partida.

6 Bem, esta etapa é a decisiva. Dentro de 8 meses vocês devem ajuntar de volta a turma toda. Realizar a CONVENÇÃO NACIONAL, a partir de CONVENÇÕES REGIONAIS, em 12 estados pelo menos. Estas por sua vez, a partir de CONVENÇÕES MUNICIPAIS em pelo menos 1/3 dos municípios de cada estado (*). Com sua simpatia irradiante, não será difícil captar tantas amizades nacionalmente. Principalmente se vocês também forem bem dotados em dinheiro ou cargos. Agora, caso os 8 meses não sejam o bastante para alcançar tais metas, o TRE julgará que você não é um cara simpático para tratar do assunto e, anulando seus parcos feitos, te mandará de volta à etapa anterior para uma nova contagem de tempo. Console-se: há uma segunda chance.

7 Mas se vocês conseguiram toda a turma em 8 meses, ótimo. O TRE está agora apto a julgar se vocês merecem ser partido. Um julgamento mesmo, com todos os ritos, onde ele observará se, na prática, ao longo dos meses, vocês de fato fizeram exatamente o que disseram nos documentos partidários.

8 Caso o TRE entenda que vocês são cidadãos probes, o rubicão está transposto. Vocês são um partido finalmente. Parabéns!

9 Mas ainda há um detalhe: caso não conste entre seus amigos fundadores 6 senadores e 42 deputados, vocês terão que se consolar com um prêmio menor. Vocês ficarão de castigo como um partido EM ORGANIZAÇÃO. Mas não desanimem: basta que nas primeiras eleições federais vocês consigam obter, através de seus candidatos, 5% dos votos da última eleição, distribuídos em pelo menos 9 estados com um mínimo de 3% em cada um deles. Fácil não? Pois estes agora, como meros eleitores, podem ser apenas amigos de segunda classe.

10 Mas aqui, novamente, cuidado. Evite ao máximo excessos de votos. É um perigo pois o tabuleiro do jogo pode afundar, haja visto o que ocorreu com o MDB. Assim, dose bem sua simpatia e não exagere.

11 Se isto não for possível, uma vez realizadas as eleições, realmente vocês não merecem a vida partidária. Afinal quem são vocês? Perguntará o TRE e, imediatamente, te anulará os poucos votos obtidos bem como cassará os poucos felizardos individualmente recém-eleitos. Mas não é o fim do mundo: vocês têm outra chance. Desde que mantenham a rede de amigos funcionando regularmente nas próximas eleições, vocês poderão voltar nas próximas eleições e tentar a sorte. Neste meio tempo, reflitam sobre a vida e aprendam com os mais bem sucedidos.

12 Enquanto isso, torçam para que a democracia prospere de modo que as regras do jogo não mudem novamente, para que vocês não percam a experiência acumulada.

(*). A Lei Orgânica dos Partidos define — e esta definição agora é reafirmada pelo governo — que a formação de Diretórios Municipais, que são a base de toda a estrutura das convenções, devem atender às seguintes exigências mínimas em termos de número filiados:
— 5% do eleitorado, em municípios com até 1.000 eleitores;
— 50, mais 10 para cada 1.000 eleitores, nos municípios com até 50.000 eleitores;
— 540, mais 5 para cada 1.000 eleitores, nos municípios com até 200.000 eleitores;
— 1290, mais 3 para cada 1.000 eleitores, nos municípios com até 500.000 eleitores;
— 2190, mais 1 para cada 1.000 eleitores, nos municípios com mais de 500.000 eleitores.

“Não choro de pena de meu filho”

Luiz Eurico Tejera Lisboa está na lista dos mortos e desaparecidos. Há semanas atrás, descobriu-se que os órgãos de repressão o haviam assassinado e enterrado clandestinamente no cemitério de Perus, em São Paulo, sob o falso nome de Nelson Bueno.

Aqui na íntegra, a carta que sua mãe redigiu tão logo soube da descoberta do corpo.

Faz hoje vinte dias que fiquei sabendo dos acontecimentos relacionados com a morte de meu filho Luiz Eurico Tejera Lisboa, desaparecido na primeira semana de setembro de 1972 e localizado, há mais ou menos dois meses, no cemitério de Perus, E. de S. Paulo, sob o falso nome de Nelson Bueno.

Por estar em Salvador da Bahia, acompanhando uma filha que estava hospitalizada, meus familiares não quiseram comunicar-me logo o que ocorria em relação a Luiz Eurico. Só tomei conhecimento dos fatos após meu retorno a Porto Alegre.

Antes de mais nada, quero deixar bem claro que a versão suicídio, dada por ocasião de seu assassinato, jamais será aceita por mim ou por qualquer pessoa que o tenha conhecido de perto. Quanto às tentativas de enlamear seu nome, são torpes e nojentas demais para que me digno discuti-las. Partindo de quem partiram, nem sequer me causam surpresa. Os amigos de meu filho, os que de um ou outro modo conviveram com ele, sabem que Luiz Eurico era um jovem idealista e estudioso. Seu único vício era a leitura, numa preocupação constante com o momento político-econômico deste país, indo à raiz dos fatos e buscando entender suas causas.

Releio neste momento a Declaração apresentada no 1º Encontro Estadual de Grêmios Estudantis, realizado de 21 a 23 de junho de 1968, cuja redação esteve a seu cargo. Escrevendo, e lendo alguns trechos em voz alta para que eu pudesse acompanhar seu pensamento, dizia ele a certa altura:

“A juventude já não aceita refugiar-se no intelectualismo ócio de outros tempos, mas também recusa-se a compactuar, por assentimento ou omissão, com uma “ordem social” que desumaniza o indivíduo e destina à fome e à mais completa ignorância quase dois terços da humanidade.



O “TERRORISTA” LUIZ

A cultura deve extrair os círculos limitados do deleite ou realização pessoal para assumir o papel de agente dinâmico na transformação da sociedade.

Este mundo de guerras, de sobressaltos e insegurança, do lucro como motor de desenvolvimento, dos grandes monopólios subordinando aos interesses de uma minoria todos os aspectos da vida social, este mundo dividido em explorados e explo-

radores, em que a fome elimina anualmente milhares de vezes mais vidas humanas do que a criminosa guerra do Vietnã, este mundo perdeu sua razão de ser, quando se consomem milhões de dólares para matar a outro homem, quando os orçamentos militares são constantemente aumentados em detrimento de necessidades vitais, quando a separação entre humildes e poderosos atinge as proporções de um verdadeiro cataclisma, quando as mais ponderadas manifestações de alerta são silenciadas a bala, quando o descontentamento se torna universal e o indivíduo desfalece nas tramas de forças materiais que ele não dirige e muitas vezes não compreende.

Este era o “terrorista” Luiz Eurico Tejera Lisboa. Seu dizer era claro, firme e coerente com seu modo de pensar e agir. Seus “aterrorizados” assassinos, com a cabeça vazia de idéias, souberam apenas empunhar uma arma. Qualquer pessoa com inteligência mediana percebe logo que, tanto ele como vários de seus companheiros também assassinados, constituíam realmente um “perigo” em potencial. Eram inteligentes, estudiosos, sabiam pensar por si mesmos. Haveria razão mais forte para exterminá-los?

Faz hoje vinte dias que venho tentando desviar meu pensamento dessa realidade brutal. Meus olhos estão cansados de chorar. Nas não se enganem. Não choro de pena de meu filho que, onde quer que esteja, deve estar muito bem. E apenas saudade. Creio numa outra vida. A morte rápida de torturadores me dá a maior certeza disso. Ninguém devendo tanto pode escapar assim ligeirinho se não for pagar em outro lugar.

OSTORTURADORES PAGARÃO

Pelas noites de vigília que passei chorando a ausência de meu filho e a incerteza de seu destino; Pelos dias, horas e minutos que vivi, numa quase obsessão, esperando que alguém chegasse, de repente, ao meu apartamento, para me dizer onde e como ele estava;

Pelos sete anos que passei sem poder me concentrar em nada, porque em minha mente só cabia sua imagem;

Pelo medo, que tantas vezes me assaltou, de tê-lo de volta inútil e deformado pelas torturas;

Pela miséria mais horrível que eu vi neste Brasil de norte a sul;

Pela vergonhosa impunidade dos torturadores e assassinos;

Pela saudade mais cruel que me acompanhou ao longo destes sete anos e que agora há de prolongar-se até o fim dos meus dias;

Por toda a transformação que meu filho tanto desejou ver neste país faminto e esquecido;

Tenho a mais profunda convicção de que uma força, bem maior que a capacidade de matar de seus assassinos, há de dar o merecido castigo aos que planejaram e determinaram, aos que, por aceite ou omissão, participaram e aos que executaram todo esse horror que está aí, presente, nas faces e nos olhos de mães, esposas, filhos e irmãos daqueles que foram estupidamente torturados e assassinados e dos que ainda sofrem nas prisões!

SE ELE VOLTASSE...

Não choro de pena de meu filho. E, se fosse possível voltar de onde ele está, eu lhe pediria para continuar pensando e agindo como sempre pensou e agiu. Ainda que isso importasse em ser novamente assassinado. Pois prefiro vê-lo morto, uma e mil vezes, a tê-lo por longos anos a meu lado numa inconsciência inútil, estúpida e criminosa!

Luiz Eurico Tejera Lisboa, seu espírito há de pairar sobre os justos movimentos reivindicatórios deste país, dando força, lucidez e coragem a seus participantes!

Luiz Eurico Tejera Lisboa, onde quer que esteja há de estar pedindo justiça e liberdade para este povo humilde e esquecido que ele tanto amou!”

Porto Alegre, 10 de setembro de 1979
(Célia Tejera Lisboa)

economia

Novo ciclo de entreguismo

Os planos de Hong-Kongnização da economia brasileira, tentados por Delfim em 72, estão de volta. E diante da pressão da dívida externa, desta vez parece que é prá valer. Só falta ver o como...

O crescimento assustador da dívida externa do país que chegará até o final do ano na casa dos 50 bilhões de dólares?

Muita interrogação paira hoje sobre este ponto e há sintomas de que breve virá a público a resposta oficial para o dilema.

Transpira em Brasília que a chave de ouro para o desafio está numa nova internacionalização da economia brasileira, em moldes bem mais vantajados do que os precedentes. Primeiro falou-se muito em venda de ações de grandes empresas estatais como a Petrobrás ou a Vale do Rio Doce no mercado mundial. Desestatização combinada com internacionalização. E por aí viriam alguns bilhões de dólares. Mas não passou, pois as resistências na opinião pública e mesmo dentro de setores “nacionalistas” no exército foi grande.

Agora, a nova versão da trama é outra. O governo isentará por anos, fala-se em cinco, os impostos de renda das multinacionais que queiram reinvertê-lo no Brasil em outras atividades industriais ou na ampliação das mesmas.

As multinacionais reivindicam um abrandamento da Lei de Remessa de Lucros, já das mais generosas do mundo. É claro, preferem a via direta mesmo. Isto feito, num acordo de cavalheiros, elas se dispõem a investir mais, de modo próprio.

Mas não dá. Seria escandaloso afrouxar ainda mais a Lei.

De outro lado, é preciso por um basta no expediente atualmente mais utilizado para burlar a Lei, empregado pelas multinacionais, que consiste na tomada de empréstimos lá fora, que via remessas de pagamentos de juros, contrabandeam desta forma lucros adicionais.

Com uma simples mudança contábil, a isenção dos impostos, o governo conseguirá acabar com o escândalo do montante das remessas a título de juros e jogará sobre quem de direito, e diretamente, pela via da redução dos impostos, o ônus da internacionalização.

O que está por trás de tudo é o plano que Delfim tentou em 72, mas não surtiu efeito, “de transformar a economia brasileira numa gigantesca plataforma de exportações para a América Latina em especial, como são Cingapura, Coréia do Sul e Formosa, para o sudeste asiático”, insinua o Relatório Reservado desta semana.

Assim, a nova internacionalização se fará por vias menos chocantes, embora com a mesma dimensão de objetivos. Não foi outro o motivo do desmentido do ministro Delfim às declarações do secretário geral do ministério da Fazenda e de outras figuras do segundo escalão anunciando abrandamento da Lei de Remessas e linhas de crédito especiais para o capital estrangeiro. Mais esperto, Delfim não quer meter os pés pelas mãos na sua segunda tentativa de fazer do Brasil uma grande Hong-Kong.

O protesto contra a nova lei do arrocho

O ato de Protesto, na sexta feira dia 19, na Praça da Sé em São Paulo, contra o projeto de política salarial do governo que deve ser votado nesta quinta-feira, 25, esteve longe de ser um sucesso.

Programou-se inicialmente uma concentração para dezenas de milhares de trabalhadores — era a expectativa anunciada de público pelas lideranças sindicais. Além disto haveria vários atos em outros pontos do país e caravanas a Brasília para pressionar o Congresso.

O ato paulistano não reuniu mais do que 4.000 pessoas. Havia uma forte presença de trabalhadores, sem dúvida. E o horário, o dia e o local impunham alguma dificuldade para grande mobilização operária. Mas há de se convir que a organização do ato foi falha. O empenho dos sindicatos ficou muito aquém do programado e de suas forças reais.

Em outros pontos do país, nenhuma manifestação digna de nota. E a caravana sobre Brasília, não passou da presença de uns poucos dirigentes sindicais.

Comparativamente a outras mobilizações do gênero, esta não ficou aquém. Mas demonstrou inequivocamente que para os trabalhadores colocarem na cena política seus objetivos, mesmo os imediatos, ocupando um espaço próprio além das mobilizações grevistas específicas, muita organização ainda deve ser costurada.

Não era de se esperar muita coisla do MDB, voltado que está sobre a questão da reforma partidária, em especial, de sua sobrevivência. Assim no Congresso, no último dia 23 poucas atenções parlamentares se voltaram para a discussão final do projeto. O plenário, vazio, escutou uns poucos discursos e, friamente, aguarda agora a aprovação do substitutivo elaborado na Comissão Mista, por iniciativa da Arena, modificando questões secundárias no projeto inicial do ministro Murilo Macedo. O substitutivo elaborado pelos sindicatos e pelo MDB não encontrou força para se colocar como uma alternativa.

E AGORA?

Esta força, como era de se esperar somente poderia vir de fora do parlamento, através de mobilizações e pressões, da anistia.

Enfim, é hora de reorganizar as forças que se colocam ao lado dos trabalhadores para que novos embates sejam melhor sucedidos. E, exatamente aí, ao contrário do que os órgãos da grande imprensa noticiaram e certos setores da esquerda estimularam, o PT tem uma tarefa importante e um veio de crescimento único: ligar-se às mobilizações operárias para que os trabalhadores entrem definitivamente na cena política.



ASSINE

EM TEMPO

Nome Profissão
Endereço Bairro
Cidade Estado CEP
Estou enviando o cheque nº do Banco

Por assinatura: ANUAL Cr\$ 800,00 US\$ 120,00

Rua Mateus Grou - São Paulo - SP - CEP 05415 - Fones: 853-6680 - 280-4759

O PT e as esquerdas

O pano de fundo das polêmicas travadas na reunião de São Bernardo

Por Marco-Aurélio Garcia

O enorme avanço que representou para o Movimento pelo Partido dos Trabalhadores a reunião nacional de 13 de outubro em São Bernardo advém não somente das definições políticas e organizativas nela adotadas, mas, igualmente, do fato de haver permitido um primeiro confronto orgânico de opiniões acerca de importantes questões para a evolução e consolidação do PT.

Algumas reações da imprensa (inclusive de jornais que se apresentam como simpáticos ao PT) círculos políticos envolvidos em pantanosas aventuras partidárias, buscaram caracterizar a reunião de São Bernardo como um "saco de gatos", transformando uma saudável discussão de posições em um "enfrentamento" entre as distintas "frações" em que estaria "dividido" o PT: sindicalistas, oposições sindicais, organizações clandestinas e até... sociólogos!

Tudo isto era esperado. Para aqueles que até agora tinham tentado fazer do Movimento pelo PT uma força de apoio a seus fluidos projetos partidários, a reunião de São Bernardo é um duro golpe, sobretudo porque a iniciativa de consolidar o Partido e dar-lhe uma organização nacional partiu de seu "núcleo histórico". Para outros, o PT talvez tenha deixado de ser aquela mercadoria que tão bem era aceita em amplos arraiais da pequena burguesia, desde que a classe operária entrou em moda no Brasil...

Mas, independentemente do que possam dizer

políticos e jornais a respeito do Movimento pelo PT, é evidente que a fase atual de construção do Partido impõe a todos os que nela estão comprometidos uma reflexão aprofundada sobre as condições mesmas nas quais se desenvolverá este processo. Um dos problemas importantes é a relação que guardam entre si o Partido dos Trabalhadores nascente e as forças da esquerda hoje ainda confinadas à clandestinidade.

Deixemos de lado, é claro, os reformistas históricos e recentes para os quais o partido dos trabalhadores já existe estrategicamente, cabendo taticamente reforçar o MDB ou criar organizações do tipo policlassista. Com eles estaremos juntos nos embates anti-ditadura e, na medida do possível, levaremos adiante uma discussão política-ideológica. Mas o essencial é concentrarmos esforços no elucidamento destes pontos fundamentais no interior do campo já definido pró-PT ou potencialmente conquistável para esta idéia.

Esta discussão se faz tanto mais necessária, na medida em que o PT se apresenta aos olhos daqueles que lutam por sua formação através de mais de um ângulo.

Nunca será exagerado lembrar o movimento real a partir do qual surge a idéia do PT. Ele corresponde basicamente, por um lado, à irrupção de grandes massas no cenário social, que passam a lutar por seus interesses imediatos e que tem sua expressão mais significativa, ainda que não única,

nas greves operárias do ano passado e deste, e, de outro lado, na compreensão de que estas lutas só poderiam ser levadas de forma consequente quando o proletariado e os setores populares resolvessem sua histórica crise de representação, construindo um instrumento de novo tipo, que os conduziu no caminho da plena emancipação social e política.

Surgido ao mesmo tempo em que o regime ditatorial dava sinais de desgaste e buscava novos instrumentos para o exercício da dominação do capital no Brasil, o PT aparecia, em contrapartida, como um instrumento pelo qual os setores populares mais avançados deste amplo movimento social buscavam apropriar-se da política e romper com as tutelas partidárias que haviam sido responsáveis por uma alienação de décadas. O Movimento pelo PT expressando estas manifestações embrionárias de autonomia popular, faz do desenvolvimento e aprofundamento desta, a questão central para sua estratégia e para sua tática.

Para as esquerdas, que hoje apóiam e participam do esforço de construção do PT, não é fácil romper com esquemas mentais clássicos (ontem reforçados pelas próprias características da sociedade brasileira) e que faziam com que a idéia de um partido dos trabalhadores fosse o resultado de uma ação de fora para dentro do movimento popular, o que supunha uma definição programática precisa prévia. Ora, a situação do Movimento pelo PT é

mais complexa, na medida em que no seu interior existem tendências que diluem o caráter de organização ao mesmo tempo anti-ditadura e anti-capitalista do PT. Estas reticências podem intensificar em outros setores à busca de uma definição programática mais precisa que não expresse o mesmo ritmo de incorporação de amplas massas do Partido.

Tal questão é decisiva, na medida em que o PT se desenha hoje como um partido de massas, criando condições, assim, para que as idéias de esquerda deixem o confinamento dos pequenos grupos ou se diluam nos programas nacionalistas e liberal-burgueses de reformismo ou do populismo.

As esquerdas, da mesma forma que os explorados, suportaram o peso destes anos de opressão e hoje, no momento em que se criam as condições para a verdadeira fusão, em um só movimento, das amplas massas com aqueles que — certos ou errados — estiveram na primeira linha do confronto com a ditadura, é importante não ceder às tentações doutrinárias de uns nem à diluição liberal democrática de outros. Socialmente representando todos os explorados e oprimidos, e politicamente classista, o PT se anuncia com uma organização de massas capaz de resolver a crise de representação do explorados e de subverter todas as idéias herdadas sobre o que deve ser uma vanguarda de classe.

Nós não temos o direito de fracassar neste processo.

Gaúchos no PT

No último dia 21, realizou-se em Porto Alegre a plenária estadual dos militantes do PT. Nas suas resoluções, uma nova comissão - agora eleita - um plano de atividade e novos encontros

Com a realização de sua primeira plenária de militantes, o Movimento pelo Partido dos Trabalhadores ganha novo impulso. O objetivo da plenária foi o de dar maior organicidade ao movimento, pois apesar do PT ser discutido no estado desde o lançamento da idéia do Congresso de Lins, e de já existirem vários grupos em processo de estruturação, a articulação do partido avançava de forma muito tímida. A comissão provisória existente, escolhida há meses, não conseguiu desenvolver a capacidade de articulação e impulsionamento requerida para a criação de um Partido dos Trabalhadores.

A plenária contou com a participação de mais de 300 pessoas da capital e representantes dos núcleos do interior, entre operários, bancários, comerciantes, professores, profissionais liberais e vários exilados e militantes que saíram há pouco da clandestinidade. E desde o início da discussão ficou claro que ninguém pretendia abrir mão do caráter classista do partido:

"Nasci para a política numa greve", declarou um operário da construção civil. "Ali tive minha primeira experiência política e entendi a necessidade de construirmos o nosso partido, diferente do MDB, que diz que é do povo mas quem manda é a burguesia. Pois no PT quem manda é nós, e com ele vamos derrubar a burguesia".

A rearticulação partidária proposta pelo governo foi outro dos temas mais discutidos na plenária, que foi unânime em denunciá-la como mais uma arma da ditadura para impedir a organização dos trabalhadores.

Mas isso não serviu para baixar os ânimos dos militantes que reafirmaram a necessidade do PT se

organizar de fato, independente dos padrões e das leis da ditadura. E sua própria articulação já é uma luta contra a regulamentação partidária e a ditadura.

Para aprofundar o debate político na tarde da plenária foi dividida em grupos de 20 pessoas, onde foram discutidas as experiências regionais e as questões organizativas. No final foi eleita a nova Comissão Provisória e definida suas funções: deverá organizar o Encontro Regional do Movimento pelo PT, num prazo de 90 a 120 dias; encaminhar os documentos discutidos na plenária para todos os núcleos do PT, como subsídio para o Encontro Estadual e apresentar um anteprojeto de estatutos e modificações no programa. São ainda funções da Comissão incentivar a formação de novos núcleos e manter o contato e articulação dos já existentes, providenciar uma sede, o Boletim Interno e um plano de finanças.

A comissão eleita é composta de 15 pessoas da área da grande Porto Alegre: Firmo Trindade — economista, Olívio Dutra — bancário, Carlos Borges — gráfico, Lorim — construção civil, Paulo Dávila — sociólogo, Misael — construção civil, Paulo Carneiro — industrial, José Carlos de Oliveira, livreiro, Enid Backes — trabalho comunitário, Luiz Castilhos — Construção Civil, Clóvis Oliveira — professor, Dejamir — construção civil, Sergio Saraiva — jornalista, Raul Pont — professor, Nilton — bancário. Pelo interior foram eleitos Raimundo — arquiteto de Pelotas, Roque — agricultor de Farrópilha, José Clóvis — professor de São Sebastião do Cai, Milton — bancário de Caxias do Sul, Nelson — calçadista de N. Hamburgo e Flávio Betanin vereador de S. Luiz Gonzaga.

Nucleações em marcha

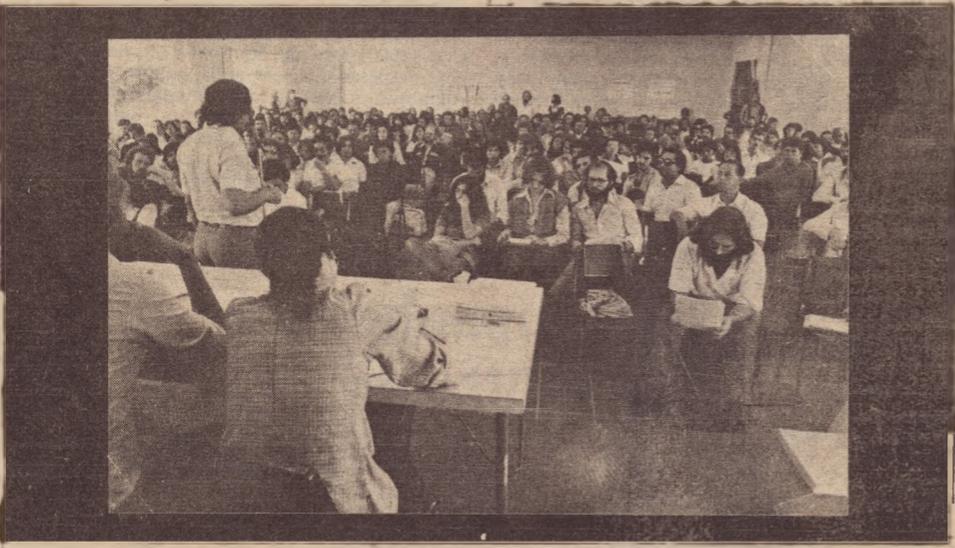
Pelo país afora, pipocam núcleos do PT, em seqüência à palavra de ordem tirada na reunião nacional de São Bernardo no sentido de lançar o PT às massas. Vários núcleos já estão se instalando, inclusive arranjando sedes. Nos estados, articulam-se reuniões plenárias para a uniformização do movimento e a escolha de representantes para a Comissão Nacional provisória. Ainda nesta semana a direção deverá traçar um plano de ação detalhado com vistas à preparação do encontro nacional e marcar a data de sua realização. Ao mesmo tempo serão definidos de modo mais preciso os procedimentos formais para regularizar, centralizar e dar publicidade à criação e funcionamento dos núcleos.

Em São Paulo, já se desenvolve desde a semana

passada, uma reunião periódica, com representantes de todos os núcleos, na tentativa de já criar a Comissão de Nucleação Municipal, como definida nas normas provisórias de funcionamento.

Em Minas, realiza-se neste domingo a reunião estadual para a escolha dos dois representantes estaduais na Comissão nacional provisória, entre outros pontos na pauta.

P.S. Pedimos a todos os núcleos do país que façam chegar até nossa redação o máximo de informações disponíveis sobre o andamento das articulações do movimento. Teremos todo o interesse em dar divulgação regular sobre tudo que diga respeito ao andamento do movimento. Desde debates internos até informações de serviço.



Anistiados presentes

A plenária do Movimento pró-PT, em Porto Alegre, viveu momentos de grande emoção e alegria. Além do grande número de velhos militantes do movimento sindical e socialista que se reencontraram na plenária atendendo ao chamamento de construção de um partido dos trabalhadores, vários exilados e companheiros que durante muitos anos estiveram na clandestinidade, estavam também presentes.

Recentemente chegados da Europa, estavam lá, apoiando com sua presença o Movimento pró-PT, Magda Zanoni e Sandra Castro, que na Europa tiveram destacado trabalho na luta da denúncia da ditadura, de apoio aos exilados e no Círculo de Mulheres, movimento feminista que aglutinou várias companheiras exiladas na Europa.

Bastante ovacionado pelo plenário, o companheiro Jean Marc van der Weid, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, também compareceu à plenária de Porto Alegre.

Nilton Santos, ex-vice presidente da UNE; não só compareceu como integrou-se totalmente aos trabalhos, participando ativamente em todos os debates.

Outro companheiro presente, José Loguércio, ex-dirigente estudantil gaúcho que durante vários anos permaneceu na clandestinidade, exercendo várias atividades profissionais, compareceu na plenária para saudar a organização do Movimento pró-PT e para fazer o lançamento de mais um órgão da imprensa popular, a **Tribuna da Luta Operária** que foi distribuída entre os presentes.

Mais uma jogada golpista

A resposta da Comissão Nacional provisória do Partido dos Trabalhadores à reforma partidária do regime, divulgada na semana passada

Mais uma vez o governo procura barrar as aspirações de real democratização do país, através de um arremedo de lei. O projeto de reformulação partidária mostra de novo que, nesse regime, a lei não é igual para todos. Seus artigos, parágrafos e incisos têm endereço certo: procuram colocar tropeços à sobrevivência do MDB; procuram impedir a organização de partidos representativos e democráticos; procuram diminuir a importância política das grandes concentrações urbanas e, especialmente, impedir que os trabalhadores se organizem politicamente; procuram descaracterizar o conteúdo social das correntes políticas.

O Movimento pelo Partido dos Trabalhadores não se surpreende com mais esta jogada golpista.

Em nenhum momento tivemos a ilusão de que a liberdade fosse dada de mão beijada pelo regime. Continuaremos a lutar pela plena liberdade partidária para todas as correntes políticas. Colocamos ao lado de todas as forças democráticas que se unem no repúdio ao projeto partidário do governo.

Grande responsabilidade cabe a todos aqueles que têm compromissos com a democracia e, em especial, aos parlamentares que poderão derrotar, pelo voto no Congresso Nacional, mais este crime contra o povo.

O Movimento pelo Partido dos Trabalhadores, cuja legitimidade é assegurada pelo apoio dos trabalhadores e do povo, continuará a lutar por sua organização legal".

Conheça os Marajás do Sul Maravilha

Conheça a vida dos operários metalúrgicos de São Paulo. Seus baixos salários, as péssimas condições de vida, o trabalho extenuante, as horas extras, fermento da revolta da categoria, que pode explodir numa greve, na próxima semana.

Outra tolce - dita até por líderes sindicais do Sul Maravilha é afirmar que reajustes semestrais já haviam virado uma norma, com as empresas concedendo-os a seus funcionários. Quem diz isso são os Marajás do Sul Maravilha, que se esqueceram que Garanhuns não é São Paulo". Essa afirmação, feita pelo jornalista Aloysio Biondi (ISTO É Nº 141) imediatamente despertou nossa curiosidade: quem serão esses tais de "marajás do Sul Maravilha"? Onde estarão? Como viverão? Que fazem?

Nossa curiosidade (e certamente dos leitores) é plenamente satisfeita, nesta série de depoimentos colhidos pela repórter Antonina Silveira. Percorrendo as ruas enlameadas, esburacadas e mal iluminadas na Zona Leste de São Paulo ou ainda os distantes bairros operários que circundam as grandes e modernas fábricas da Zona Sul, ela encontrou os "marajás". E pôde constatar como vivem bem, com seus altos salários, que vão dos Cr\$ 3.360,00 ganhos pelo metalúrgico Lourenço à "astronômica" cifra de Cr\$ 13.200,00 que compõe o rendimento mensal de João, outro entrevistado.

Lourival e sua mulher Marluce, Geraldino, João e os irmãos Juscelino, Joãozinho, Juvenal, Ademar e Pedro, ouvidos por Antonina, representam todo o espectro da categoria dos metalúrgicos de São

Paulo, que juntamente com os de Osasco e Guarulhos vivem, neste fim de semana, os momentos decisivos de sua campanha salarial. Embora escolhidos aleatoriamente, a mostra é significativa e isso é comprovado pelos levantamentos estatísticos do DIEESE, com base nas contribuições sindicais arrecadadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos.

Segundo o economista Cesar Ronconi do DIEESE, 57% da categoria percebe até três salários mínimos mensais (percentual que se eleva para 83% quando se trata de mulheres); 22% ganham entre três a cinco salários mínimos (apenas 11% entre as mulheres); 5% ganham mais de 10 salários mínimos (5% no caso das mulheres). Ainda de acordo com o DIEESE, o salário médio da categoria é de Cr\$ 7.600,00 (Cr\$ 8.300,00 para os homens e Cr\$ 4.800,00 para as mulheres), mas essa cifra está distante da realidade da categoria: quando se sabe que aproximadamente 65% dos trabalhadores ganham menos do que a média salarial.

Enfim, conheçam os marajás do Itaim, de São Miguel e Parelheiros. E comparem suas vidas com as dos sacrificados executivos, que mal conseguem viver com Cr\$ 45 mil mensais, segundo a reportagem publicada pela revista EXAME (nº 187), que o EM TEMPO reproduz.



Geraldino: Não dá prá manter família

Geraldino, também solteiro, veio da Bahia em 1975, com 17 anos. Pensava arranjar serviço para ajudar seus pais. Trabalhou inicialmente como servente de pedreiro, o que recebia mal dava para

viver. Depois trabalhou na Pepsi Cola, onde de vez em quando mandava alguma coisa para casa. Atualmente trabalha numa fábrica de motores disel onde ganha uns Cr\$ 6.000,00, "salário ainda curto, mas já dá prá manerar um pouco". A cada seis meses consegue mandar algum dinheiro prá casa. Com um aluguel de 1.860,00 e gastos de alimentação em torno de 3.700,00, mais água, luz, condução, roupa e sapato, ainda sobra as vezes algum para um cinema, um bailinho, uma farinha, mas coisa pouca. Pensa em casar, mas o dinheiro está pouco, a mulher vai ter que trabalhar junto, "não é falta de coragem, não, eu trabalho bem, mas não dá prá manter família".

Lourenço e Marluce: horas extras para sobreviver

Lourenço há seis anos trabalhando como metalúrgico, com Cr\$ 3.360,00 por mês pertence aos 5% da categoria que ganham salários inferiores a Cr\$ 5.000,00. Casado, com um filho recém nascido, precisa fazer horas - extras na fábrica para poder sobreviver. Faz 70, 80 e até 100 horas - mais por mês, para complementar seu míngua salário. Com isso consegue chegar a um máximo de Cr\$ 4.700,00. Já foi ajudante de pedreiro, ajudante de funilaria, ajudante de prensa, (na verdade era prensista mas tinha sua carteira assinada como ajudante, expediente comumente utilizado pelas empresas), hoje é operador de produção.

Veio do Maranhão, onde trabalhava no campo e tinha uma vida razoável apesar do pouco dinheiro. Três anos depois, casou com Marluce, operária metalúrgica que deixou o emprego quando a criança nasceu: ela ganhava salário mínimo e achou que não compensava pagar alguém para olhar o filho. Enquanto espera o nenem crescer para voltar a trabalhar, faz um curso de atendente de enfermagem: na verdade, Marluce prefere a fábrica mas vai trabalhar no que aparecer.

Lourenço e Marluce moram no distante bairro



de São Miguel Paulista, em uma pequena casa de dois cômodos, onde pagam Cr\$ 1.600,00 de aluguel, gastam uns Cr\$ 300,00 de condução e uns Cr\$ 2.000,00 de comida. Lourenço gostaria de fazer um curso profissionalizante, mas não tem condições, só de condução teria que pagar mais Cr\$ 300,00 e isso não dá. Com o salário que ganha e as despesas que tem anda sempre endividado. Acha que os 83% de aumento salarial que estão sendo reivindicados "não vão, dar nem prá melhorar a vida, só vai dar prá comer porque agora nem prá isso está dando". A carne por exemplo está praticamente excluída das compras do casal.

João: ganharia o triplo em outro país

João, metalúrgico há 18 anos, hoje com um salário de 13.200,00 pertence aos 5% da categoria que mais recebem. Considera seu salário insuficiente para sustentar mulher e cinco filhos. A companheira também trabalha, complementando a renda familiar com mais 3.000,00. Mas isso ainda não basta. Apesar da pequena casa de três cômodos já estar paga e as despesas serem só de conservação e impostos, a meninada está toda na escola e os gastos com roupa, livros, condução, comida são tantos que João não consegue precisar na hora. A família gasta uma média de Cr\$ 1.500,00 por mês de condução e só de mercado, fora a feira livre e o açougue Cr\$ 5.000,00.

Veio do interior, dos lados de Getulina, onde nasceu. Foi campones e depois, pequeno comerciante. Ao chegar a São Paulo tinha só o primário, fez um curso profissionalizante e devagar foi adquirindo experiência. Hoje, como inspetor de qualidade, integra o reduzido grupo de operários melhor pagos na cidade de São Paulo. Poderia ganhar ainda mais, mas se recusa a fazer horas

extras porque considera que as extras implicam em menos emprego para os companheiros.

Apesar de se considerar mal pago - "em outros países profissionais como eu ganham o triplo" - de ter pouco tempo para bater uma bola com os meninos, principalmente agora que a campanha salarial não deixa tempo nem para respirar, João gosta de ser operário, de ser metalúrgico, porque, diz com o orgulho "é a classe que constrói".



Procura-se companheira politizada

No Itaim Paulista, próximo a São Miguel, em uma casa de 4 cômodos, vivem os irmãos Juscelino, Joãozinho, Juvenal, Ademar e Pedro, todos metalúrgicos, mais o pai, João e Ana, a irmã. Quando todos estão empregados a renda familiar chega a somar Cr\$ 18.000,00.

Seu João, o pai, um mineiro - de poucas palavras, morava na roça e trabalhava como carpinteiro, enquanto os 11 filhos eram ainda pequenos. Como em Minas, para os lados de Montes Claros, as coisas não andavam muito boas, foram tentar a sorte no Paraná onde tornaram-se lavradores. Tocavam uma lavoura de algodão a "meia", depois uma de café. "Nessa época, garante João, entrava dinheiro suficiente para manter a família". Foi no ano da soja que perderam tudo e não conseguiram mais terras para trabalhar: teriam de contentar-se em ser bóias frias ou colonos, "o que não dá prá sobreviver". Decidiram-se mudar, para São

Paulo, onde após dois meses, estavam todos empregados; João num supermercado, Juscelino, em uma metalúrgica, Pedro em uma firma de plástico, Ademar, Juvenal e Francisco em construção civil. João, o pai, não mais voltou a trabalhar.

Hoje, são todos metalúrgicos. Seus salários variam de Cr\$ 5.800,00 o mais alto a Cr\$ 2.800,00. Atualmente, a renda familiar caiu para Cr\$ 11.000,00 porque dois deles foram dispensados: Juscelino que era cortador em uma fábrica de móveis de aço, a Fiel, e João que trabalhava na linha de produção de uma fábrica de motores elétricos. Juvenal, polidor em fábrica de torneiras. Ademar no serviço de solda e Pedro trabalhando como extrusor (capeamento de cabos elétricos) garantem a despesa da casa.

Gastam 2.000,00 de aluguel, uns 500,00 de luz e água, uns 4.000,00 de condução e o restante em roupa, sapato, comida e alguns poucos livros e jornais, não sobra no fim do mês. "o dinheiro dá na casa", como afirmaram eles.

Quando chegaram a São Paulo começaram a participar da Pastoral Operária do bairro, e hoje integram a Oposição Sindical Metalúrgica.

Apenas Joãozinho tem ginásio, os demais primário completo ou incompleto. São todos solteiros, "porque é difícil conseguir companheira que acompanhe a luta política da gente. Se aparecer a gente casa".

A vida está difícil, até para quem ganha mais de 45 mil

ganhar, mensalmente, mais de 20 salários mínimos (45.360 cruzeiros) pode ser considerado um privilégio no Brasil de hoje. Afinal, apenas 0,8% dos assalariados superavam este patamar em 1977, segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio, do IBGE. E se, teoricamente, uma família pode viver com o salário mínimo atual, de 2.268 cruzeiros, o nível de vida de quem ganha acima de 20 mínimos deveria ser pelo menos nababesco. Na prática, porém, a teoria é outra. Não só o salário mínimo é contestado até mesmo como capaz de atender às despesas necessárias a uma parca alimentação, como os trabalhadores graduados das empresas - que geralmente estão acima da faixa de 50 mil cruzeiros - dizem já não conseguir manter seu padrão de vida.

"Não há como impedir a corrosão do poder aquisitivo", queixa-se Edison Dupont, 38 anos, gerente de marketing da Polyenka Indústria têxtil ligada ao grupo holandês Akzo. "E, no nosso nível, seria desgastante empreender uma discussão por melhores salários", constata ele. Dupont ganha mais de 30 salários mínimos por mês, mas não esconde a necessidade de cortar gastos, sobretudo as despesas com lazer e produtos não-essenciais (uma tendência, aliás, que vem sendo acompanhada com atenção pelos fabricantes de bens de consumo, como se vê na matéria da página 36).

SEM O ESCOCÊS

Casado pela segunda vez, cinco filhos (quatro frequentam colégios particulares), as despesas com aluguel, alimentação e educação comem a maior parte do orçamento de Dupont.

"Há 5 anos, quando entrei na Polyenka", conta ele, "saía pelo menos uma vez por semana, tomava uísque escocês, nas férias costumava alugar uma casa em Santos ou Guarujá". Hoje, as saídas são mensais, não se toma mais uísque importado e as férias, agora, são passadas em Santa Catarina, onde se gasta menos. "Se não fizesse isso", explica Dupont, "não poderia pagar, por exemplo, um aparelho dentário que minha filha necessita".

CASA PRÓPRIA

Não muito diferente é a situação de Aruaná Lucena, 35 anos, um dos compradores da Sears Roebuck, em São Paulo, cujos rendimentos estão situados entre 20 e 30 salários mínimos. Ele já desistiu, por exemplo, das viagens bimestrais que fazia com a família (mulher e três filhos) até Mato Grosso e Goiás, "onde estão as raízes". Agora, espacha mais os passeios, ou então não leva a família toda.

Os filhos de Lucena - dois gêmeos de 14 e um menino de 11 anos - estudam em escolas públicas, já que boa parte de seu orçamento vai regularmente para a prestação da casa própria. Além disso, Lucena teve de abdicar de uma de suas diversões prediletas: o teatro. "Antes, eu costumava assistir a todas as peças encenadas em São Paulo; depois, ia jantar fora. Agora, lamenta ele, "o programa é pizza, mesmo".

Sem casa própria, como tem Lucena, Dupont, da Polyenka, pensa em comprar um terreno ("talvez em Ubatuba") com o produto da venda de um dos carros que a família usa (o segundo carro é da Polyenka) mais a esperadíssima devolução do Imposto de Renda (94 mil cruzeiros) que ainda não veio.



A revolta dos peões

Dessa vez foram os peões de Volta Redonda, do canteiro da Companhia Siderúrgica Nacional — empregados de empreiteiras contratadas pela usina — que se revoltaram contra as péssimas condições de trabalho e salário a que estão submetidos.

A coisa explodiu no dia 15, a partir de um quebra-quebra nos alojamentos da Construtora Norberto Odebrecht onde, aliás, os operários não podem circular livremente nem nas noites de sábado, e quando se aventuram a isso são interceptados pela PM ainda roubados. A repressão interna é tão forte que chega até as filas do refeitório — se a segurança invoca com alguém na fila, o cidadão tem de voltar para o fim, e sem reclamar.

Além disso, as empresas, confiando no desconhecimento dos peões, executam vários tipos de descontos arbitrários nos seus já mínguaos salários. E a cobrança de vestimentas; preços exorbitantes das péssimas refeições servidas e ainda forçam os operários demitidos a dispensar o pagamento do aviso prévio.

Segundo o C.B.A. de Volta Redonda,

já haveriam quatro mortos e dezenas de feridos — inclusive muita gente está sendo "sumida" do hospital depois de dar entrada, tudo isso por uma reivindicação de 70% de aumento, contra os 28% oferecidos pelos patrões. Com toda essa repressão, os peões só contam com a solidariedade prática do Bispo de Volta Redonda e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que chegaram a fornecer quatro mil refeições, três vezes ao dia para os peões parados. O próprio sindicato da categoria conclamou os peões a voltarem para o trabalho uma vez que a greve foi declarada ilegal.

Abandonados à própria sorte pelo sindicato, com sua greve considerada ilegal pelo Tribunal Regional do Trabalho, os trabalhadores acabaram cedendo na terça-feira, 23. A grande maioria decidiu voltar ao trabalho, mediante um acordo que prevê o pagamento de Cr\$ 22,00 a hora para os carpinteiros, Cr\$ 20,00 para os carpinteiros não oficiais, e Cr\$ 15,00 para os ajudantes. Até a tarde da terça-feira, apenas os trabalhadores de uma construtora, a CECISA, permaneciam em greve.

Vida nas fábricas: Majer Meyer

A Majer Meyer S/A indústria farmacêutica que produz desde Ampicilina até leite de Magnésia, despediu a operária Elsa por "estar caluniando a firma".

Qual a calúnia que abalava a reputação de uma empresa acima de qualquer suspeita?

Elsa tem um filho de 6 meses que frequentava a creche Bela Vista, na rua Humaitá 500 e que mantém convênio com a Majer Meyer. Só que quem pagava a creche não era a Majer Meyer mas sim Elsa e as outras operárias com filhos.

E mais: a creche custa Cr\$ 200 mensais, mas a assistência social da empresa recolhia mensalmente das operárias Cr\$ 300, sem recibo.

Elsa pediu recibo e 2 dias depois foi despedida.

Contou sua história à Comissão de Mulheres do Sindicato dos Químicos. A denúncia virou panfleto e foi distribuída entre as operárias da Majer Meyer.

Dia 18 de outubro, uma semana depois a Majer Meyer, devolveu a cada uma das operárias que utilizava a creche os Cr\$ 1.200 que correspondem às prestações dos últimos 4 meses, pagas por Elsa e

suas companheiras.

A história de Elsa mostra a importância da luta das mulheres e de sua organização. Foi no recente Congresso das trabalhadoras químicas e farmacêuticas de São Paulo, que Elsa soube dos seus direitos, e foram suas companheiras da comissão de mulheres, que se formou após o Congresso, que fizeram repercutir a arbitrariedade da Majer Meyer, obrigando-a a tomar precauções para preservar "seu bom nome".

A outra lição a tirar é de que as empresas burlam impune e sistematicamente a lei. A CLT determina que a empresa em que trabalham mais de 30 operárias com mais de 16 anos deve manter creches nos locais de trabalho ou convênio com creches de bairros para os bebês no período de amamentação.

Nem a lei, nem o Ano Internacional da Criança são suficientes para garantir os direitos de trabalhadores, homens e mulheres, disporem de berçários, creches e escolas para seus filhos.

Chega, dizem as químicas: "Que negócio é esse de ficar enriquecendo o patrão e a gente ficar sempre na pior?".

Culturais Mobilização começa

O Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social, Orientação e Formação Profissional do Estado de São Paulo (ufa!) — SENALBA também está entrando na luta por melhores salários. Isto, apesar de todo o esforço do presidente da entidade, o peleguíssimo Everaldo Stupp, que vem fazendo de tudo para frear a combatividade da categoria, formada por trabalhadores do SESC, SENAC, SENAI, SEI, LBA e outras entidades do gênero, que começou reivindicando 30 por cento de antecipação mais Cr\$ 3 mil fixos. Depois de muito manobrar o Everaldo conseguiu transformar a reivindicação em apenas 22% de antecipação, já aceita pelo SESC e SENAC.

Cervejeiros

Acordos no Rio e São Paulo

O pessoal de malte e cevada, empregados das Cervejeiras Brahma e Antártica, no Rio e São Paulo, acabaram firmando acordo com os patrões, depois de terem ameaçado cruzar os braços. No Rio, o acordo ocorreu na base de 67% de reajuste (o índice oficial mais 17%) para os que ganham até Cr\$ 10.500,00 e o índice mais um fixo de Cr\$ 1.575,00 para os situados acima dessa faixa. Em São Paulo, o resultado foi um pouco inferior: os cinco mil funcionários das duas empresas, cuja grande maioria ganha até três salários mínimos, receberá 65% a partir deste mês.

Carteiros SP

Organizando associação

A criação da Associação dos Funcionários da Empresa de Correios e Telégrafos de São Paulo, foi um dos principais saldos das lutas que a categoria desenvolveu no primeiro semestre deste ano. Agora, segundo os carteiros, a tarefa mais importante é estruturá-la a partir da organização pelas bases, o que já está sendo feito através de reuniões em toda grande São Paulo, a eleição de representantes de cada setor, que formarão a comissão encarregada de encaminhar a legalização da entidade e a realização das primeiras eleições para sua diretoria. Além disso, os funcionários da ECT, que já estão editando um Boletim Interno, estão promovendo a

coleta de fundos para a instalação de sua sede, mesmo entretendo a ameaça de repressão e demissão feita pelas chefias.

Jandira SP

Prefeito desaforado

Os moradores de Vila Ipê, Analândia, Jardim Centenário, Jardim Marília e Vila Cardoso, bairros pobres do município de Jandira, na Grande São Paulo, foram reclamar do prefeito Dorvalino Teixeira uma série de melhorias, como iluminação pública, construção de galerias pluviais, água encanada e esgotos, entre outros. E tiveram a maior decepção: o dito cujo não respeitou os 300 moradores que se concentraram no Salão de Festas da Tia Zefa, desacatando-os e chamando de "agitadores e subversivos" aqueles que reclamavam contra a enrolação que estava fazendo, além de ameaçar prender todo mundo.

Gráficos SP

Assembléia na sexta

Os gráficos de São Paulo tem assembléia marcada na próxima sexta, 26, quando deverão decidir se aceitam ou não a proposta patronal de reajuste de 15% além do índice oficial do governo.

Energia Nuclear

Greve por 42%

Perto de 400 funcionários do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares de São Paulo resolveram entrar em greve na quinta-feira, 18 de outubro. É que eles não aceitaram a proposta do governo do Estado, que ofereceu um reajuste de salários de 30% só a partir do mês de outubro, reivindicando 42% retroativos ao mês de março.

Fiat Repressão

Italiano denuncia

O secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Turim, Antônio Buzzigoli, veio ao Brasil, viu e não gostou do que acontece na subsidiária brasileira da empresa automobilística Fiat instalada em Betim, MG. Segundo Buzzigoli, que botou a boca no trombone, a FIAT,

além de pagar os menores salários entre os funcionários de automóveis, se notabiliza pela repressão interna, praticada através do extremo autoritarismo, do arrocho salarial e pelo ritmo acelerado das cadências de trabalho.

Tecelões RS

Piso de Cr\$ 4.500,00

Os tecelões de Porto Alegre não abrem mão do piso de Cr\$ 4.500,00 (os patrões querem dar apenas Cr\$ 3.200,00), além da reivindicação de 75% de reajuste (caso haja acordo com os patrões) ou 80% no caso de julgamento pelo Tribunal Regional do Trabalho. A greve que desencadearam na quarta, 17 vai continuar enquanto os patrões não chegarem no que o pessoal está pedindo, ou pelo menos próximo a isto (os do capital ofereceram aumentos escalonados, com um máximo de 65% para os que ganham até Cr\$ 3 mil).

Belgo-Mineira

Grevistas levam vantagem

Em uma assembléia realizada sob forte emoção e que se estendeu das 9 horas da noite à uma hora da manhã do dia 19, os trabalhadores da Belgo-Mineira, em João Monlevade, decidiram por fim à greve que paralisou, por uma semana, a empresa. Chegando ao final com a mesma força e energia com que foi desencadeado, o movimento saiu fortalecido por ter alcançado as maiores conquistas econômicas dessas greves que vêm sendo realizadas no país: além do salário de ingresso de Cr\$ 5.200,00 e mais a garantia de aumento para Cr\$ 8.700,00 após 9 meses de trabalho, foi conquistado um aumento de Cr\$ 2.700,00 além do índice do governo (o que significam 77% sobre o salário atual). Ainda, pelo acordo, os salários vão ser reajustados trimestralmente e cada trabalhador contará com um anuênio de 2%. A proposta de comissão partidária, considerada com principalidade pelos grevistas, ficou em meio-termo: apesar de ter sido aprovado o seu funcionamento, dois pontos de seu regimento — o referente ao caráter das decisões da comissão valerem como acordo-coletivo e da soberania da comissão para deliberar sobre as demissões — ficaram para ser mais discutidos.

As greves da semana

	LOCAL	N.º GREVISTAS	REIVINDICAÇÕES PRINCIPAIS	DURAÇÃO	RESULTADOS
METALÚRGICOS	João Monlevade e Sabará - MG	6.100 operários	Aumento fixo de 4.000,00, além do índice e piso salarial de 8.144,00, regulamentação da comissão paritária e participação nos lucros da empresa.	De 12/10 a 19/10	Aumento Salarial de 2.700, reajustes trimestrais, piso salarial de 5.200,00, anuênio de 2% e instalação de uma comissão paritária.
CONSTRUÇÃO CIVIL	Volta Redonda - RJ	9.000 operários	70% de reajuste salarial, bom atendimento, médico e melhoria nos alojamentos.	De 17/10 a 23/10	Aumento de hora de trabalho de 11,28 para Cr\$ 15,00 e outras conquistas.
TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE CIMENTO	Ipanema de Sorocaba e Santa Rita do Salto de Pirapora - SP	2.500 operários	70% de reajuste salarial escalonado	De 17/10 a 19/10	59% de reajuste salarial
TEXTEIS	Porto Alegre - RS	2.100 operários	80% de reajuste salarial escalonado	De 17/10 a...	_____
TÉCNICOS DO INSTITUTO DE PESQUISAS ENERGÉTICAS E NUCLEARES	São Paulo — SP	400 trabalhadores	42% de reajuste salarial a partir de março de 1980	De 17/10 a...	_____

São Paulo, Osasco e Guarulhos

Mais próximos da decisão, 500 mil metalúrgicos podem parar

Um ano depois, 500 mil metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos podem deflagrar nova greve geral. Desta vez, curtidos pela experiência passada, com um melhor nível de organização e com uma direção mais firme. A corrida contra o relógio se acelera.

Por Tom Duarte

aos trabalhadores para que não precipitem nenhuma decisão sem antes esgotar todas as possibilidades.

Por mais patéticos que tenham sido esses apelos, eles somente expressam o desejo de embromar e ganhar tempo, do lado patronal. Como afirmou ao EM TEMPO o metalúrgico Hélio Bombardi, a possibilidade de transigência dos empresários pode ser medida na própria reunião, quando se negaram a dar resposta à contra-proposta apresentada unilateralmente pelos representantes dos metalúrgicos de Osasco, que reduziram para 91% sobre a data base (novembro de 1978) o índice de reajuste, anteriormente situado em 83% sobre os salários atuais, mais um piso de Cr\$ 7.200,00. Essa contraproposta que, em termos reais, significa uma redução de mais de 30 por cento sobre a exigência anterior, foi categoricamente rejeitada, "em primeira mão para a imprensa", por um dos principais negociadores do Grupo 14, Valter Sacca.

DIVISÃO

Por outro lado, a atitude dos metalúrgicos de Osasco, sem dúvida

contribuiu para dividir de certa maneira a unidade pela base que vinha sendo praticada, até então, com os de São Paulo e Guarulhos. E o que é pior: foi arrancada na assembléia realizada no domingo, 21, em que estiveram reunidos mais de 500 trabalhadores, com um duplo argumento: em primeiro lugar, de que a categoria não estava suficientemente preparada para arrancar o exigido anteriormente (estará, então, preparada para conseguir os 91%?). Em segundo, através de manobras de membros da diretoria, na qual embarcaram, inclusive, elementos de oposição sindical, de que esse encaminhamento - principalmente a concessão de poderes às comissões de negociação para apresentarem contra-proposta - havia sido decidida em conjunto com São Paulo e Guarulhos.

Nada mais distante da realidade. No caso de São Paulo, por exemplo, embora a concessão de plenos poderes aos negociadores e o rebaixamento do índice de reajuste para 83% sobre novembro de 1978 (menos que Osasco, portanto) tivesse sido aprovado pela maioria dos 110 trabalhadores que participaram da assembléia do Comando regional da zona oeste, ele foi

majoritariamente rejeitado pelos quase 3.500 trabalhadores que compareceram ao Cine Piratininga, no Brás no mesmo domingo, dia 28. E que praticamente impediram que os defensores da proposta pudessem justificá-la e encaminhá-la. O mesmo ocorreu em Guarulhos, onde os 600 trabalhadores presentes, liderados pela Oposição Sindical, não atenderam às ponderações da diretoria, que advogava uma proposta mais transigente e menos radical e que evidenciasse uma posição mais flexível, passível de ser bem compreendida pelos patrões.

Tanto em Guarulhos como em São Paulo, as acusações de intransigência e radicalismo foram rejeçadas com veemência pela maioria dos oradores, representantes dos comandos regionais de mobilização. Para eles, não era chegado o momento de recuo, sobretudo ao primeiro grito dos patrões e, ainda mais, diante de ausência de uma proposta minimamente aceitável pelos trabalhadores. A transigência, numa negociação, diziam, tem que vir de ambas as partes: naquele momento, transigir, tinha outro significado: claudicar. E o que é pior, desmoralizar-se perante o conjunto da categoria.

SORTE LANÇADA

A corrida contra o relógio se acelera cada vez mais, a partir de domingo. A intensificação das reuniões setoriais e de fábrica, a multiplicação das corridas às portas de fábrica, para garantir um comparecimento massivo às próximas assembléias passaram a assumir um papel decisivo para o êxito do movimento. Porque, é exatamente na base, nas fábricas e nas assembléias que reside, em última instância, a força dos trabalhadores para barganhar suas reivindicações, que não se resumem às de cunho meramente econômico, mas que incluem exigências importantes, como a formação de comissões de fábricas reconhecidas e a eleição de delegados sindicais.

Os patrões sabem disso mais do que ninguém, como alguns deles chegaram a reconhecer diante de representantes dos Comandos de Mobilização, também pertencentes à Oposição Sindical. E nestes últimos anos que eles começam a ver (talvez tardiamente) os interlocutores realmente válidos para qualquer acordo.

A sorte está lançada. Vencerá quem tiver mais força e, sobretudo quem souber utilizá-la com habilidade.

Comerciários de São Paulo

A repressão

e as manobras do pelêgo

Na semana em que a campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo entra na reta final, com a possível deflagração de greve no próximo domingo, os comerciários fazem assembléia para definir reivindicações.

Por Robinson Ayres

A assembléia geral dos comerciários de São Paulo, foi realizada no dia 23, terça-feira, às 19 horas, muito menos sob a "proteção de Deus", implorada pelo presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo, Silvio Vasconcellos, e muito mais, sob a proteção policial instaurada para impedir que os não sindicalizados entrassem.

Da porta dos elevadores, no "hall" de entrada, até o 4º andar do prédio nº 367, da rua Formosa (sede do sindicato) estavam espalhados cartazes anunciando agressivamente, que os não sindicalizados e os com menos de 6 meses de sindicalização, não poderiam participar. Procedimento que os pelegos mais inteligentes, pretendendo ser contemporâneos, abandonaram faz tempo.

Para chegar até o pequeno e abafado auditório onde se realizaria a assembléia, os comerciários passavam por um corredor, improvisado por detrás de um balcão (a porta principal do auditório ficou fechada) e eram submetidos a uma sucessiva verificação de documentos, de que não foram poupados os jornalistas. Tudo isto como se não bastasse a presença dos policiais militares e dos mal disfarçados agentes postados na porta do prédio, onde a oposição sindical distribuía sua proposta de reivindicações

e manteve, até o fim da assembléia, os comerciários que foram impedidos de ter acesso à assembléia em permanente ato de protesto. Para estudar as reivindicações que apresentaria, em nome dos comerciários, o sindicato organizou há mais de um mês uma comissão composta por membros cooptados por seu conselho fiscal e sua diretoria, sem que os aproximadamente 200 mil comerciários de São Paulo tomassem o menor conhecimento. E mais, somente minutos antes da assembléia o Sindicato distribuiu sua proposta, não possibilitando aos comerciários sequer compará-la com a apresentada e distribuída, massivamente, pela oposição sindical, em meados de setembro.

Para o pelêgo a categoria não vale nada

Os 400 comerciários que compareceram à assembléia presenciaram e foram vítimas de manobras, perpetradas pelo presidente, Silvio Vasconcellos, e seus amigos. Ao plenário estava obstruída qualquer manifestação, palavras eram autoritariamente cassadas e foi realizado um desavergonhado processo de votação por "escrutínio secreto" com cédulas distribuídas fora das cabines, cabines devassáveis e, sob o argumento de falta de material, uma quase ausência de cédulas com a proposta da oposição. A

votação que iniciou na noite do dia 23, começaria às 9 horas e terminaria às 20 horas do dia seguinte, com a vitória da proposta da diretoria.

As principais diferenças entre as propostas é que a oposição reivindica 80% de aumento sem compensação dos 22% de antecipação concedidos em 01.6.79, criação de comissões de lojas e de escritórios, dia do comerciário na terceira segunda-feira do mês de outubro (feriado e repouso remunerado), enquanto a diretoria propõe 86% de reajustes, sem tocar na questão da antecipação, e nem se refere às outras duas. O fundamental é que a proposta da diretoria lhe dá poderes para negociar em nome da categoria.

O conturbado início das votações, com os protestos da oposição e ensaios de agressões físicas por parte de figuras alinhadas com a diretoria, contou com a dramática cena do presidente, Silvio Vasconcellos, sendo afastado por zelosos companheiros, com ares de quem ia ter uma colapso, mão no peito, contrações faciais e respiração difícil.

No final da assembléia, cerca de 100 comerciários saíram em passeata protestando contra a diretoria pelega.

Rossi, da Oposição Sindical: A greve é algo muito concreto

O que parece definido é que se os patrões não chegarem a uma proposta digna, não haverá outra saída senão a greve e de nada adiantará esse jogo de três por cento a mais ou menos. Por outro lado, as condições para o êxito de uma paralisação estão amadurecendo rapidamente. Nos últimos dias melhorou o nível de preparação, com a multiplicação de reuniões a nível de empresa e um direcionamento das discussões para a efetiva preparação da greve. Isso se traduz, positivamente, no ânimo dos companheiros de base.

Com a resolução da última assembléia, de que se até o dia 28 os patrões não responderem com ofertas significativamente superiores, a greve será decretada naquele mesmo dia, é mais do que provável que aumente em muito o comparecimento à assembléia, pois a possibilidade da paralisação aparece aos trabalhadores como algo muito concreto.

LIGAR-SE AOS COMANDOS

"Por outro lado, é mais do que nunca importante que os trabalhadores se liguem aos comandos e participem dos piquetes que vierem a se formar, mantendo os companheiros fora da fábrica, para evitar a coação patronal, sentida na greve do ano passado. Paralisada sua própria fábrica, cada piqueteiro deverá, então, somar-se aos companheiros da mesma região e com eles formar um piqueteiro que vá parando as demais empresas.

Todo trabalhador que aderir à greve e, sobretudo, aqueles dispostos a integrar os piquetes, devem ter claro que não serão tratados com luvas de pelica pela polícia e pelos patrões. Embora não devamos aceitar provocações, não deixaremos de exercer nosso legítimo direito, que é uma conquista da classe — a greve".

É meio dia. Panfletagem no almoço

O reporter Relton Fracalossi acompanhou na terça-feira, 23, dois representantes do Comando Regional Sudeste, na distribuição de convocações para reuniões setoriais e para assembléia de domingo, 28. Seu relato:

"A proposta de 61% dos patrões foi rejeitada. A Assembléia decidiu: se não houver uma proposta razoável, já sabe: a greve vem aí!" Distribuindo folhetos com essas frases, dois integrantes da Oposição Metalúrgica — uma garota e um rapaz — sob o sol do meio-dia, convocavam os trabalhadores, nas portas das indústrias, a comparecerem à reunião de fábricas do bairro do Cambuci, organizada pelo Comando Regional e que se realizaria na quarta-feira, dia 24.

"Se os patrões não apresentarem uma proposta que valha a pena, segunda-feira tem greve; e quero ver você fazendo piquete aqui", explicavam aos trabalhadores, apontando para o portão da Indústria Villares, onde se encontravam. Dali iriam para outras indústrias da região, como a Duratex, a Probel, a Petraço-Nicole, a Persianas Colúmbia e outras. "Não te vi na reunião Grandão! Amanhã você tem que ir, tá legal!", diziam para outro.

É hora do almoço. Os trabalhadores da Villares, considerados os mais combativos da região do

Cambuci, andam pela rua em pequenos grupos, ou descansam sentados na calçada aproveitando o reduzido tempo que têm para almoçar. E é durante esse período que recebem os folhetos e são informados sobre a realização de assembléias e reuniões e que podem discutir sobre suas reivindicações.

Um trabalhador explica: "a gente quase não tem tempo de conversar sobre esses assuntos". Conforme vão saindo e recebendo o folheto, a maioria se manifesta favorável à greve, embora muitos não tenham se esquecido dos acontecimentos da campanha salarial do ano passado. Apesar disso, a insatisfação com relação à proposta patronal de 61% é bastante visível.

Há um clima de expectativa e apreensão. Parece que os trabalhadores não alimentam ilusões. Sabem das dificuldades que terão de enfrentar no caso de deflagração de uma greve. Sabem que não vai ser fácil enfrentar a repressão, organizar piquetes e manter o movimento. Mas parece que sabem também que, irremediavelmente, não haverá outra saída.

Para cantar nos piquetes

A criatividade dos trabalhadores não está presente apenas na organização de comissões nas fábricas, na criação de comandos ou nos piquetes encarregados de parar as fábricas. A erva popular se manifesta, também, nos sambas e marchinhas que já começam a ser cantados nas assembléias e nas passeatas dos metalúrgicos. Publicamos exemplos significativos de músicas que, certamente, muito contribuirão para elevar os ânimos dos operários grevistas.

1) "Samba dos 83", (cantado nas assembléias de Osasco):
Que 83 difícil de se ganhar / Mas os patrões vão dar / Eles vão ter que dar.

Se estamos juntos na luta / sem parar / eles não podem escapar / eles não podem escapar.
Não desanimem / Não deixem de lutar / que os 83 no bolso / vamos botar.

A gente luta / luta sem parar / mas os 83 / a gente vai conquistar.
Sei que governo / e patrão não vão gostar / mas eles têm que ver / é as máquinas parar.

Aqui repito / para não desanimar / que os 83 no bolso / vamos botar.

2) "Tão roubando nosso pão" (para cantar com a música da "Bandeira do Divino", de Ivan Lins):
Metalúrgicos de São Paulo / companheiros metalúrgicos / nunca estão em casa não / vão dar lucro lá na fábrica / Pro governo e pros patrão, ai, ai. Que o pão está tão caro / que já não dá prá comprar / só a gente entrando em greve / pro salário aumentar, ai, ai.

Outro dia na FIESP / fomos pra negociar / a resposta dos patrões / sempre aquela de explorar / ai, ai.

Mas unidos estamos prontos / não vamos desanimar / que os 83 por cento / no bolso vamos botar, ai, ai.

Se estamos juntos e unidos / não deixando de lutar / que estes 83 / os patrão vão ter que dar, ai, ai.

Seu governo e seu patrão / tenha dó do seu peão / que trabalha todos dias / este é seu ganha pão, ai, ai.

Terminando companheiros / com esta declaração / que o governo e os patrões / tão roubando nosso pão, ai, ai.



Quem dirige a campanha



“Um belo espécime de homem”

O julgamento de Doca Street, ou a vingança do «bem nascido» contra a «moça devassa»

Luís Sampaio Tavares

O homem que teve que matar porque foi profundamente ofendido em sua dignidade masculina — Doca Street — ao sair de seu julgamento na última 5ª feira, declarou: “De agora em diante vou fazer o que prometi ao Juiz. Vou morar e trabalhar em S. Paulo. Vou viver com meus filhos e com minha mãe”. Fêcho de ouro para a deprimente encenação que muitos de nós puderam testemunhar pela televisão. Um julgamento-espetáculo sem sequer o fino véu de seriedade que normalmente encobre essas escandalosas farsas forenses.

Muita coisa pode e deve ser dita a respeito desse caso. É interessante atentarmos para o fato de que a verdadeira insensatez havida no caso Ângela Diniz - Doca Street não foi o crime acontecido, mas a própria ligação entre os dois: a peça que não cabia no jogo dos compromissos das classes privilegiadas. Na chamada alta-sociedade (que em nosso país consegue chegar a um baixo-nível inacreditável) é comum vermos nos casamentos complementares (entre classe econômicas diferentes) duas grandes motivações: ou um dos cônjuges é rico e o outro pobre mas com bom sobrenome, ou a mulher é extraordinariamente bonita e sem nome ou fortuna e lhe é permitido o acesso ao “beautiful people” para casar com homens ricos e “melhorar” a descendência e prestigiar seus maridos. No caso em questão, ela não tinha nem nome (filha de uma costureira) nem dinheiro (pelo menos não o quanto se precisa para tal padrão de vida) e ele, mais nome que dinheiro. Parece que se propuseram a



viver juntos por um impulso apaixonado. Quem sabe? Poderiam ter sido amantes, uma prática difundidíssima e aceita. Parece que o tipo de fantasia escolhido pelos dois não cabia bem nesse meio. Segundo as empregadas que testemunharam o cotidiano do casal, ele se caracterizou sempre como agressivo e autoritário como bem sabem ser os meninos bem-nascidos, de famílias cheias de tradições extravagantes (nos áureos tempos um tio dele viajou a Paris acompanhado de uma vaca porque não bebia outro leite a não ser o dela). Evidentemente alguém desse tipo não sabe ser contrariado. O que quer que tenha acontecido realmente — drogas, infidelidade (!), homossexualismo — tudo isso junto ou separado, tem importância relativa ou quase. O famoso advogado Evandro Lins e Silva defendeu

seu cliente usando os sofismas mais flagrantemente. Ousou mesmo lembrar aos jurados a “superioridade natural” do réu: “Este é um homem de bem. O Juri já viu a sua origem. É uma boa origem. É neto de um homem que foi um dos pioneiros da legislação trabalhista do Brasil. Também pelo lado materno Raul Fernando tem boa origem.” E mais adiante: “É um belo espécime de homem e nunca poderia ser ultrajado em sua condição por uma moça devassa”

A vítima como réu

Foi, de certa forma, por esse caminho que o réu se tornou a vítima da vítima real, que, por sua vez, passou a ser julgada em seu lugar. Quando o que é privilégio de classe passa a ser dom natural, as coisas mudam de figura e já

se está falando em superioridade “biológica”, superioridade de “raça”. Alguém que nasce com essa “superioridade” não a questiona e vê legitimado tudo o que faz, a despeito da vontade alheia. Angela, nesse raciocínio, é evidentemente inferior a esse extraordinário espécime dos machos bem-nascidos. Não é nada fácil para uma pessoa autoritária controlar-se tendo sido contrariada por um inferior. Isso temperado com pó, ou outro bom condimento...

Assim deve ter sido, e mesmo que não tenha sido exatamente assim, foi sobre esses valores que a defesa arquitetou sua argumentação e pasmem! - de maneira explícita.

Mais uma vez vimos o famigerado meio da paixão que cega e que é capaz de tudo: um álibi sempre perfeito em qualquer circunstância.

O comentadíssimo julgamento afinal não trouxe nenhuma novidade. Infelizmente já conhecíamos todos esses escandalozinhos tão comuns, como o fato de que rico não é preso no Brasil; ou do grande prestígio dos discursos moralistas que “asseguram” a classe média sobre seus valores e seus mitos; ou do machismo que grassa desenfreado em nossa sociedade; ou ainda da incompetência e parcialidade desses jurados recrutados em uma única classe social.

E apesar de tudo isso é impossível deixarmos de nos indignar quando essas coisas nos são mostradas cruamente num espetáculo circense na melhor tradição dos programas de auditório da nossa “melhor” televisão.

Censura, adeus

A luta contra a censura não é um compromisso tático. O fim de toda e qualquer censura o tem que seu um objetivo estratégico

EM TEMPO continua a discussão sobre a natureza e o fim da censura. Desta vez, com o depoimento de Carlos Guilherme Mota professor de História na Universidade de São Paulo.

Penso que é difícil, para qualquer militante, imaginar uma futura ou presente sociedade socialista sem o recurso da Censura. Os argumentos são muitos; existem os “inimigos da revolução” a propaganda dos adversários; a memória (às vezes até saudosista) dos tempos passados. etc. Mas penso também que esta é uma das tarefas essenciais, a ser pensada, e a ser praticada desde já, na luta concreta contra todas as formas de Censura, não apenas a institucional, por quem pense em combater a exploração social organizada. A luta contra a censura não é um compromisso tático. O fim da censura é um objetivo estratégico, e assim deve ser pensado, se me permitem aqui o jargão político.

Somente a conturbada e dividida história dos movimentos socialistas no século XX, bem como suas relações contraditórias com o exercício do poder, permite compreender porque frequentemente se nota uma certa hesitação nesse terreno — uma espécie de “aos amigos, tudo aos inimigos justiça aos indiferentes a nossa lista de preços”.

O fim de qualquer forma de censura é um objetivo estratégico porque qualquer transformação que leve a sociedade em direção ao socialismo tem, em seu bojo, ou deve ter, um inarredável compromisso com a civilização. E se a civilização, em suas formas atuais, mesmo as das presentes sociedades socialistas em curso de formação, ou assim tidas como tais, continua a dar margem a que se aja de modo absolutamente predatório — no que diz respeito à natureza e à natureza humana — nada justifica que se continue a pensar dentro desses limites.

A história da civilização é, sem dúvida, uma história de repressão. Mas é também a história da luta contra ela, expressa, às vezes, em utopias, às vezes na luta direta contra os organismos ou as práticas que fazem da repressão um hábito indiscutido, bem como da opressão uma “naturalidade”. Direitos humanos, liberdade de pensamento e expressão, incluindo aí a questão dos chamados

“bons costumes” que, de “bons” não têm muito, são temas que, se lançados como moeda corrente no horizonte das transformações burguesas consequentes da revolução de 1789, devem ser resgatados e ampliados por quem imagina e deseja se comprometer com melhorias mais definitivas da sociedade contemporânea.

Por ora se discute muito a reformulação partidária, com programas subindo e descendo a todo o vapor. Está na hora de incluir, neles, um item que fale, explicitamente, do fim de todas as formas de censura para sempre. Isto para que possam ser levadores a sério — no campo da cultura.

(Flávio Aguiar)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 20 de Junho de 1977

Of. nº 883/77-SCTP/SC/OCDD

Dir. Diretor de Divisão de Censura de Diversões Públicas

2ª Direção de Televisão

Assunto: Reversão - fax

“Passadas Senhoras

Em dia 09 de maio do corrente foi encaminhado à Direção de Televisão, nos cuidados do Sr. Edgar Crivello, ofício que condiciona a liberação da televisão “SÓCIEDADE NACIONAL”, ao ajusto do seu contrato à fase etária pretendida e à análise dos temas.

Tratando-se o contrato do autor da novela para “Inimigos da Revolução”, ficou acordado, que haverá uma reversão dos primeiros capítulos e adequação do contrato à fase etária pretendida.

Apesar das recomendações e das condições impostas para a liberação da televisão, a produção não suprimiu determinados conteúdos, mencionados pela Chefia de Serviço de Censura e a equipe examinadora, de espetáculo.

Empré-lo advertir a V.ª S.ª, que, em caso de não observação das orientações feitas por este órgão, será a classificação atribuída à televisão, alterada.

As oportunidades reiteramos a V.ª S.ª protestos de ordem e elevada consideração.

Carlos Guilherme Mota

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Setor de Serviço de Censura

A república dos excluídos

O depoimento de Carlos Guilherme Mota

A cultura muitas vezes foi vista como uma questão de segurança nacional.

Carlos Guilherme Mota é professor de História-USP. Dentre suas obras publicadas, a mais conhecida é *Ideologia da Cultura Brasileira*. A seguir, seu depoimento:

“A discussão da censura não pode ser isolada desse patamar mais importante que é o livre jogo das forças sociais e da expressão das variadas correntes de opinião da sociedade brasileira. (...) Quando existe censura é porque uma parcela da sociedade está instalada nos aparelhos de Estado, utilizando-se das relações de poder vigentes para censurar a outra fração. E, normalmente, uma censura de minorias sobre maiorias.

“A questão da censura está associada inevitavelmente àquela outra dos valores culturais vigentes. (...) Há um sistema ideológico que aprisiona a noção da cultura. Essa noção, que é tão dinâmica, tão criativa e pode ser até de resistência, por exemplo, às multinacionais.

“Pode-se pensar, deve-se propor a possibilidade de se sair um pouco desse universo estamental, senhorial, da cultura brasileira, que sempre foi uma cultura de varanda, para uma cultura de resistência, uma cultura nacional e popular. Agora, esse passo é perigoso, porque em outros países esse passo levou também para regimes de direita”.

Os trechos acima demarcam o campo de reflexão de Carlos Guilherme Mota sobre a questão da Censura. Ela deve ser entendida como um aspecto da marginalização sofrida pelos dominados. Esse regime de exclusão articula-se em torno da manipulação ideológica permitida pela noção de uma Cultura Brasileira una. “... o Brasil não é ainda uma nação contemporânea, (...) porque para (sê-lo) é preciso que as forças sociais tenham livre curso, livre trânsito e as suas expressões culturais, políticas e sociais se manifestem em verdadeira grandeza. Com o atual modelo de exclusão cultural, (...) a cultura foi vista e é vista como uma questão de segurança nacional. (...) Essa ideia de segurança nacional parece ter aprisionado também, mesmo na busca de uma cultura nacional (...), o potencial crítico dessa cultura ou dessas culturas brasileiras”.

Carlos Guilherme Mota irá pensar, em seguida, os desdobramentos do AI-5 na articulação desse modelo de exclusão cultural, bem como as relações entre democracia e cultura. Segundo ele, esse mo-

delo cria um verdadeiro Terceiro Estado, sem nenhuma forma de representação política ou cultural.

“Há um balanço que pode ser feito e que é muito interessante, porque marca ainda a presença de uma concepção oligárquica do que somos. Nós nos atribuímos caracteres. Existe um caráter racional marcado por tais coisas (...) (o que) elimina o debate sobre o processo social específico, as classes, as diferenças entre elas, as formas culturais diversas, a busca de projetos sociais que devem ser pesquisados — inclusive pela Universidade — através dos seus elementos, que devem ser críticos, para percebermos realmente a verdadeira dinâmica social e deixar derivar daí um modelo político que seja suficientemente forte para, aí sim, marcar uma cultura, se possível, nacional, popular e de resistência.”

“O paradoxo é que a técnica da desmobilização e a lógica da exclusão acabam por gerar um amplo conjunto social de variadas tendências e matizes. Os excluídos — de tantas e tão diversificadas orientações — começam a compôr um colorido *Troisième Etat*, um Terceiro Estado, como à época da Revolução Francesa, uma espécie de República dos Excluídos, com os melhores cientistas sociais, com os melhores juristas, as melhores cátedras no Exterior, os melhores economistas, políticos, dramaturgos, arquitetos, literatos, teóricos da cultura, de ampla penetração popular — o que é mais curioso é que são de ampla penetração popular”.

Pensando a relação entre cultura e democracia, Carlos Guilherme irá finalizar sua reflexão:

“A rigor, a Censura não deve ser, simplesmente. Não há negociação possível nesse ponto.”

“Do ponto de vista político e social, é hora de discutir a montagem da sociedade civil, com a democratização vertical, sem esta centralização completa que retira de todos seus direitos de cidadania.”

“A Censura não deve ficar, simplesmente, sem medo de fantasmas ou revanchismos. Como fazê-lo? Com a liberdade total de imprensa, com a anistia geral e irrestrita, com a autonomia de magistratura, com a liberdade de associação de partidos de baixo para cima, com a chamada dos professores aposentados, que são os mitos das novas gerações. (...) E, finalmente, como fazer isto: obviamente, com uma Assembléia Nacional Constituinte.”



Em debate: arte e revolução Actas de Marusia

De como o western-spaghetti quis virar
Escadaria de Odessa

Claudio Settími e Luiz Carlos Rezende

Actas de Marusia, recentemente exibido nos cinemas de São Paulo, chegou a ser celebrado como uma Escadaria de Odessa latino-americana. Considerando semelhante juízo completamente equivocado, resolvemos esboçar uma das leituras críticas que o filme possibilita. Nossa intenção primordial é a de retomar a velha discussão sobre o que seja arte revolucionária.

Actas de Marusia se propõe como um relato épico, onde a saga dos mineiros de Marusia é uma página concentrada da história chilena. Busca-se a reflexão do espectador, não só a respeito do fato relatado; o relato em si aponta para a virtualidade da repetição do ocorrido, enquanto em outro nível de estruturação a história chilena recente e a própria condição proletária são referidas por analogia.

Os mais apressados dirão que a forma utilizada estabelece um certo distanciamento, próprio à reflexão. É verdade que não há, a bem dizer, personagens. A tela é animada por tipos cuja função precípua é a de servirem como suportes de discursos e situações para cuja significação são dispensáveis. Isto transparece já na primeira cena, onde Volonté copula em meio a apaixonadas dúvidas político-organizativas.

Entretanto, logo allora a impressão de que o distanciamento não foi alcançado. As imagens, longe de conduzir à reflexão, contrabandeam o maniqueísmo. Mobilizam-se todos os chavões que, do realismo socialista aos faroestes da Republic pré-John Wayne, compram-nos a empatia para com os mocinhos. Em certa cena, operários são fuzilados sem denunciarem os companheiros. A câmara, nesse momento, efetua um travelling que nos oferece a sensação de vitória, lograda por fuzilados e público — a eles aliado, sobre os milicos, impotentes frente ao desassombro com que os mineiros enfrentam a morte. Algo atônito, o tenente mandante irá comentar: "Caralho, são duros... são duros até para morrer!", enquanto embainha a espada. Risotinhas do público, aquele mesmo que, em seu cotidiano, defronta-se com aparelhos repressivos muito mais efetivos que os grotescos milicos de celulóide marusianos. A catarse aí contrabandeada articula um claro mecanismo de compensação, profundamente alienante; é um expediente que irá se repetir reiteradas vezes, no desenrolar do filme.

A analogia com a história recente do Chile também nunca se encontra ausente. Para um observador atento, é fácil perceber que nada deixa de ser mobilizado na construção de uma alegoria frustrada. E o quê ela nos apresenta? O papel atribuído aos empresários, no conflito com os mineiros, é equivoco e sistematicamente obscurecido pela presença dos militares.

Apresentam-se empresários impedidos de buscar um acordo apenas em função da sanha castrense. Os milicos, por sua vez, são portadores de um irracionalismo selvagem e a-histórico, cuja única medida reside no sangue proletário derramado. A genealogia desse irracionalismo, no filme, aponta-nos o ressentimento de militares vetados de subir na hierarquia ou injustamente punidos. A extrema importância atribuída à corporação, em todo o desenrolar do enredo, acaba privilegiando este comportamento irracional como o verdadeiro eixo do relato. Entretanto, na sua formulação, encontramos uma débil relação de causa-efeito que teria vergonha aos mais empedernidos funcionalistas. É preciso dizer mais para desconstruir a pompa do pretensioso painel histórico que nos é oferecido por Littin?

OPRESSORES DE CELULOIDE

Actas de Marusia é, em nossa opinião, um exemplar perfeito de tudo aquilo que de mais conservador a arte engajada tem produzido, desde o Diktat do realismo socialista. Nossa leitura do filme privilegia o aspecto da identificação catártica, por ser o de repercussão mais imediata. Duas horas onde podemos torcer apaixonadamente pelos desafortunados mineiros, paradigma do Bem; nada melhor para a fácil exorcização dos próprios males. Afinal, as imagens na tela mostram como são frágeis todos os opressores, sejam os efetivos ou aqueles outros, de celulóide.

Toda produção artística digna deste nome tem o condão de mobilizar nossos sentimentos. Contudo, isso não implica no maniqueísmo onde Littin resvala a cada momento. Na ausência das insistentes menções implícitas à queda do palácio de La Moneda, teríamos apenas um mau filme. A sua presença irá resultar em uma reconstrução extremamente ideologizada da história chilena recente, com profundas consequências políticas, os espectadores nada ganham em termos de reflexão sobre os processos construtores da história. Por outro lado, a emoção canalizada pela identificação catártica com os caricaturais mineiros permite um oportuno apaziguamento de consciências. Em grande medida, Actas de Marusia dá a todos a chance de se resolverem na tela. Hoje, quando se fala na "recuperação crítica" do CPC, torna-se cada vez mais urgente precisar o sentido de certo tipo de arte pseudo-politizada, facilmente dirigível. Afinal, Giordano Bruno descobriu tardiamente que "meu erro foi menosprezar a inteligência do inimigo, pensar que poderia combatê-lo com suas próprias armas". Reflexão ainda a ser feita por nossos maquiáveis de fãncaria.

Arruda, o PC do B e a China

As recentes declarações de Diógenes de Arruda Câmara, dirigente do PC do B, logo após haver retornado ao Brasil, sobre as distâncias históricas entre seu partido e o PC Chinês suscitam perplexidade em mais de uma cabeça. Lendo o Arrudão, como é conhecido o velho dirigente, principalmente sua entrevista à Folha de São Paulo ter-se-ia a impressão de que o PC do B manteve sempre em relação à China a atitude crítica que hoje tem.

Arruda se permite inclusive certas apreciações sobre o "grande timoneiro" da Revolução Chinesa, o presidente Mao, que só podem ser aceitas pelos leitores menos avisados.

Lendo por exemplo o número de setembro de 1976 do jornal A Classe Operária, dedicado em termos laudatórios ao dirigentes chinês, é difícil compreender porque Arruda o transforma hoje praticamente em um "camponês democrata". É certo que, como stalinista confesso, Arruda pode ter se familiarizado com o método de reescrever a história segundo as exigências do momento e conforme as práticas de seu corifeu a quem ele pretende festejar durante todo este ano. Mas a história real das relações do PC do B com o PCC são bem distintas.

Antes da Ruptura

As relações entre o PC do B e os chineses são anteriores à própria "Conferência e Reorganização" de 1962.

Em 1957, Pedro Pomar, então membro do Comitê Central do único Partido Comunista que existia no país, viaja a Bucareste para representar sua organização no Congresso do PC rumeno. A reunião acaba por se transformar em um confronto entre as posições soviética e chinesa. As divergências aparecem e Pomar, ainda que obrigado por disciplina a defender uma posição pró-soviética, revela uma certa simpatia pelo discurso do delegado albanês e do delegado chinês, que não era outro que Pong Cheng.

divergências com os soviéticos e com outros partidos comunistas ocidentais.

DIFERENCIADO

Todos são unânimes no interior do PC do B em afirmar que as relações com o Partido Albanês foram sempre mais calorosas e menos ambíguas que as demais. O PCC não considerava o PC do B como única organização revolucionária no Brasil, ainda que a tivesse como "partido irmão". O PTA de Enver Hodja rompeu rapidamente relações com o Partidão, enquanto que os chineses mantinham relações, ainda que frias, como a organização de Prestes. Tanto isto é verdade que em 1967, Jover Teles, ainda militante do PCB viaja a Pequim, depois de passar por Moscou e, após entrevistar-se com Mao, pronuncia-se de maneira favorável à política chinesa, a que serviu para aumentar seus atritos com o Partidão.



Diógenes Arruda

A partir de 1966, a Ação Popular começa a ser igualmente aceita pelos chineses, mas o tratamento que estes davam aos militantes da AP era claramente diferenciado. Enquanto os dirigentes do PC do B eram recebidos com honras de chefe de Estado (as más línguas falam em tapetes vermelhos no aeroporto) a AP tinha um tratamento mais discreto, não figurando as relações sequer no noticiário chinês.

Inquietações

A evolução da política chinesa nos anos 70 não foi objeto de um exame sistemático por parte da direção do PC do B que continuava revelando sua proximidade do PCC e de Mao em particular, como revela a Classe Operária de 1976. É certo que muitas atitudes dos dirigentes chineses causavam espanto. Um destacado militante do PC do B nos revelou o desagrado que provocou o envio de flores por parte do governo chinês ao enterro do primeiro-ministro espanhol, almirante Carrero Blanco, executado por um comando da ETA. Mas tudo ficava ao nível dos murmúrios.

É somente com a ruptura Albânia-China que as coisas vão se clarificar. Uma reunião do PC do B com outros partidos maoístas da América Latina, em Tirana, por ocasião do Congresso do Partido Albanês é que vai formalizar a ruptura com o PCC. Mas esta ruptura mesma era vivida dentro do PC do B como uma manifestação de fidelidade ao pensamento de Mao e a "Revolução Cultural", ambos "traídas" pelos novos donos do poder em Pequim. (M.A.G.).



Mao Tsé-Tung

A atitude de Pomar parece haver criado um elemento subjetivo favorável para aproximação política que se daria mais tarde, quando o PC do B se formou.

Tão logo o PC do B se constituiu, passa a ser um porta-voz das posições chinesas no Brasil. Seus militantes distribuem o Pekin Informacion, semanário em espanhol que apresentaria a partir de 62, as posições do PCC a respeito de suas

Sobre as posições do PTA e de seu dirigente Hodja, ver nesta edição, pág. 14

Mulheres

A festa do «Nós Mulheres»

O grupo "Nós Mulheres" convida a todos e a todas para sua grande festa no "Galpão", dia 28 de outubro a partir das 19 horas - Rua Princesa Izabel, 379 / Brooklin - São Paulo

O grupo, formado em 1976 em torno do jornal «Nós Mulheres», continua reunido em torno dos mesmos princípios: «A consciência do imperativo de lutarmos contra todas as formas de opressão que sofremos enquanto sexo, o que, prá nós, significa lutar pela transformação radical da sociedade em que vivemos».

«A luta pela libertação da mulher, para nós implica uma estratégia que articule todos os níveis de sua opressão, na medida em que as relações de poder e domínio na sociedade capitalista penetram em todos os níveis da existência do homem e da mulher, desde sua relação mais íntima até as atividades públicas, hábitos e obrigações comuns a todos. O feminismo vem questionar as formas de violência que se reproduzem cotidianamente e sempre foram consideradas «naturais» ou «valores sociais inabaláveis», ampliando o conceito de política. Trata-se de assunto que faz parte de nossa vida, não há instância algum de nossa existência que dela escape. Em outras palavras o feminismo trouxe a política para dentro de casa, para o



questionamento das relações interpessoais.»

Vamos fazer uma festa porque queremos dançar, rir, conversar, conhecer umas (uns) às outras (outros). Porque queremos «mudar a vida», substituir o «respeito», a solidariedade, a força e a ternura ao medo, à competição e à violência».

Também porque queremos uma sede para nossas atividades e uma revista feminista que ajude nossa luta.

Venha que a festa é nossa.



PC do B: do golpe de 64 ao início da guerrilha do Araguaia

Por Marco-Aurélio Garcia (*)

Em fevereiro de 1962, no momento de seu surgimento (ou de sua "reorganização", como querem seus dirigentes), o Partido Comunista do Brasil não passava de um pequeno grupo de militantes organizado em torno do núcleo Pomar, Grabois, Amazonas e outros, cuja influência no PCB — afirmada em 1943 na "Conferência da Mantiqueira" — havia declinado irremediavelmente a partir de 1958.

Suas bases mais significativas estavam no Rio Grande do Sul, onde se encontrava João Amazonas, no Estado do Rio, aonde se fazia sentir a influência de Maurício Grabois, Lincoln Oeste e Danielli e, em menor medida, em São Paulo, a partir da presença de Pedro Pomar.

Analisando as circunstâncias de seu surgimento dez anos depois, em um documento intitulado *cinquenta anos de luta*, o PC do B vai considerar "os primeiros anos da reorganização" como "duros e difíceis".

"Os efetivos do Partido - prossegue o texto — eram reduzidos, e débeis também seus vínculos com as massas. Os marxistas-leninistas lutavam contra a corrente. O reformismo, sob o governo de Goulart estava em pleno auge. Tudo parecia confirmar as teses dos renegados do marxismo"

ISOLAMENTO

As razões deste isolamento são bem mais complexas, no entanto.

Em primeiro lugar, é certo que a evolução aparente do governo Goulart fortalecia essencialmente as posições do Partidão e de todos os setores que viam no desdobraimento dos acontecimentos uma prova da viabilidade do caminho pacífico das "reformas de base". Mas não é menos certo, por outro lado, que o PC do B, como de resto todos aqueles que procuravam se colocar à esquerda do Partidão naquele momento, revelava uma pequena capacidade de elaboração alternativa, opondo às posições concretas dos partidários de Prestes teses extremamente gerais, aonde a luta armada (prato de resistência das posições do PC do B) era formulado exclusivamente ao nível de princípios.

A expressão mais visível desta indigência de formulação está na pobreza da elaboração tática para o período. Sem o dizer, a posição do PC do B como que reeditava, frente a Goulart, a atitude que 8 anos antes seus dirigentes (então existia um só partido) haviam adotado em relação ao declinante governo do presidente Getúlio Vargas.

Em agosto de 1962, momento marcado por uma intensa mobilização de massas, situado entre as duas greves políticas conduzidas pelo CGT, a *Classe Operária*, desde março daquele ano órgão oficial do PC do B, não era capaz de definir uma orientação tática mais precisa para a conjuntura. Em editorial intitulado "Preparar-se para a luta em todos os terrenos" dizia:

"As forças revolucionárias, ao mesmo tempo que lutam por um governo popular revolucionário, têm o dever de organizar a luta do povo, as ações de massas contra a carestia de vida, pela reforma agrária radical, pela solução dos problemas de abastecimento, pelas liberdades. (...) No caso em que a crise política assumira um caráter mais profundo, com atritos de maior amplitude entre os grupos das classes dominantes, é preciso estar em condições de enfrentar o imperialismo, o latifúndio e seus agentes em todos os terrenos".

Esta posição vaga se manteria, no essencial, até o golpe de 1964, ainda que alguns meses antes a tendência da direção fosse de uma maior flexibilidade frente ao governo Goulart.

STALINISMO

Limitados por este tipo de definições, que enfraquecia sua intervenção numa conjuntura extremamente rica, o PC do B refugiava-se em genéricos preparativos da luta armada que, como seria fácil esperar, não desembocaram naquele momento em nada de concreto, nem do ponto de vista prático, nem do ponto de vista teórico. Praticamente, além de alguns levantamentos de áreas e de medidas vagas de formação militar nada houve que pudesse preparar a organização para esta forma de luta que ela considerava principal e inevitável; teoricamente, suas

formulações continuavam ecléticas, uma mistura de posições chinesas sobre a guerra popular com as teses guevaristas que tanta influência exercia na América Latina naquele período.

Mas havia uma outra limitante na irradiação do PC do B: seu stalinismo. O PC do B reivindicava histórica e politicamente a herança do ditador, justamente quando as novas gerações que despertavam para as idéias de esquerda, o faziam marcadas pelas denúncias do terror que se abatera durante décadas sobre o partido e a sociedade soviéticas, com tantas repercussões sobre o conjunto do movimento comunista internacional e que apareciam indissociavelmente ligadas ao nome de Stalin.

Mais ainda, a filiação às teses stalinistas faziam com que o PC do B, no essencial, não apresentasse uma estratégia de revolução que fosse realmente alternativa à do PCB. Salvo na questão da luta armada — que o Partidão havia efetivamente evacuado, mas que o PC do B reinha naquele momento apenas retoricamente — não havia diferença fundamental da linha geral dos dois partidos inimigos.

As condições do isolamento em que vivia o Partido Comunista do Brasil, finalmente, contribuíam para que se desenvolvesse uma atitude de extremo sectarismo, explicável em pequenas organizações que tem necessidade de afirmar-se frente a um partido mais poderoso do qual se desprenderam.

A Resposta à ditadura

Segundo seus dirigentes, o golpe militar de 64 não colhe o PC do B de surpresa. Reunidos às vésperas do movimento, dia 29 de março, os membros do Comitê Central ao se separarem já vão para seus "aparelhos". O desgaste orgânico, assim, será reduzido a suas mínimas dimensões. De qualquer maneira, a organização vai continuar, igualmente, a perplexidade do conjunto da esquerda frente à queda de Jango.

A repressão se abate sobre o que existe de visível da organização. Os locais públicos da *Classe Operária* são fechados pela polícia dias após o golpe e o jornal só reaparecerá, desta vez em edições clandestinas, a partir de 12 de maio de 65.

A expressão das dificuldades que o PC do B enfrenta após abril 64 está dada pela relativa tardança em posicionar-se frente ao acontecimento. Enquanto o PCB já havia publicado um comunicado de Prestes (em maio de 64) e o famoso *Esquema para discussão*, aonde se esboça uma auto-crítica "de esquerda" (julho do mesmo ano), o PC do B só reagirá publicamente em agosto através de um documento. Nele há três conteúdos centrais a reter: 1) uma forte crítica ao Partidão e, em especial, às "ilusões pacifistas" que os "revisionistas" haviam semeado; 2) a consideração de que se trata de um longo período que se abre (grande parte da esquerda apostava numa queda a curto prazo da ditadura); e 3) que "o campo é o problema-chave da revolução".

A sexta conferência

O documento de agosto de 1964 tinha mais um caráter analítico, não avançando, no entanto, uma definição tática, carência que, como se viu, afetava o PC do B desde antes do golpe.

Com a perspectiva de definir uma tática que se reunirá em junho de 1966, mais de dois anos após o golpe, a VI Conferência do PC do B.

A análise que vai sustentar a definição tática não é muito distinta daquela formulada pelo PCB da época: a ditadura é vista como a expressão política da dominação exercida sobre o país pelo "imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos" e a partir desta constatação que a conferência "preconiza a união de todos os patriotas e democratas, tendo em vista levar a cabo a revolução com bandeiras amplas.

Dois coisas vão no entanto marcar uma nítida diferença entre a tática do Partidão e a do PC do B. O fato de que este define na conferência que "o campo é o cenário principal onde poderá surgir e se desenvolver a revolução" e que "a forma principal de luta é a luta armada, sem a qual não se derrubará a regime reacionário."

A conferência senta, assim, as bases para a linha



João Amazonas e Maurício Grabois, na primeira fila, ladeando Prestes quando todos estavam ainda no PCB, na Constituinte de 1946.

militar que a organização passará a desenvolver um pouco mais tarde.

Novas adesões

A conjuntura em que se realiza a VI Conferência e a que se segue vão trazer inúmeras modificações na vida do PC do B. Até aquele momento, a organização não havia no fundamental superado suas dimensões grupculares de antes de 64, apesar de aparecer legitimada aos olhos de muitos setores como decorrência de sua posição frente ao Partidão.

Isto havia permitido a atração de elementos das ligas Camponesas de Francisco Julião, e de alguns setores do PCB, como o Comitê Marítimo, sob a liderança de Luís Guilhardini.

Mas é evidente, no entanto, que o PC do B se revelava naquele momento incapaz de capitalizar a enorme crise que sacudia o PCB. As dissidências que se formam no interior deste eram igualmente críticas à organização do Pomar, Grabois e Amazonas e os únicos que irão engrossar suas fileiras são alguns militantes do Comitê Estadual da Guanabara. Um grupo daquele estado, sob a direção do Jover Teles e Armando Frutuoso, que havia participado da cisão do Partidão que deu origem ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) acaba por romper com este e ingressar no PC do B. Muitos afirmam que Jover e seu grupo estavam "clandestinamente" no PC do B desde a Conferência de 1962 e que só haviam permanecido na organização de Prestes para tentar ganhar futuros descontentes. Esta tese é desmentida hoje por alguns ex-dirigen-

tes do PC do B, que insistem no fato de Jover ter criticado muito os dissidentes em 1962.

Redefinições

Pouco após a VI Conferência começam a manifestar-se tendências divergentes no interior da organização. O movimento é mais geral, no entanto, na medida em que o conjunto da esquerda brasileira sofria naquele período um processo de reacomodação política e orgânica.

No PC do B, isto se expressa pela formação da *Ala Vermelha*, grupo dissidente no qual convergem de forma pouco clara vários tipos de inquietações: tendências do tipo socialista no que diz respeito à caracterização da revolução; uma definição de linha militar mais próxima das organizações guerrilheiras urbanas e vários elementos ideológicos suscitados pela revolução cultural irrompida na China.

Para o PC do B, no entanto, tudo não passa de um "grupeco de inimigos nele infiltrado, que tenta assaltar a direção, desagregá-lo e levá-lo pelo caminho do aventureirismo pequeno-burguês." O balanço histórico feito do período conclui: "... este grupeco procura sorrateiramente dividir o Partido (mas) seus integrantes são expulsos da organização partidária, que se fortalece depurando-se de arrivistas e provocadores."

A crise é a ocasião, igualmente, para um ajuste de contas com o foquismo, ainda que muitos afirmam que este ajuste é apenas nominal. O Comitê Central

critica as concepções políticas que eram irradiadas na América Latina a partir do Partido Comunista Cubano e que se materializaram nas teses da OLAS (Organização Latina Americana de Solidariedade).

Qualificado como concepção "pequeno-burguesa", o foquismo era acusado de pregar uma revolução continental que ignorava as particularidades nacionais e as etapas da luta, ademais de ser "desligado da massa" e de negar "o papel do partido como força dirigente, atribuindo à guerrilha essa função."

O Comitê Central de 1967 aproveita para fazer uma crítica ao que chama de ressurgimento das teses trotskistas e neo-trotskistas e que se apoiava "nas posições traidoras do Kruschev e tenta, uma vez mais, desorientar as forças progressistas e levá-las à derrota."

A luta armada

Mesmo o episódio da cisão da Ala Vermelha, da mesma maneira que anteriormente o do grupo de militantes do nordeste que sai da organização para construir o Partido Comunista Revolucionário (PCR) acusando a direção da PC do B de não compreender o caráter estratégico que a região nordestina iria ter na luta revolucionária no Brasil, não afeta maiormente os planos de implantação do que viria mais tarde ser a "guerrilha do Araguaia".

Como nos revelam os vários depoimentos sobre o episódio, enquanto a grande maioria de organizações de esquerda revolucionária começava a realizar ações armadas nas cidades, o PC do B punha em marcha o que considerava ser um plano a longo prazo para o enfrentamento da questão armada. O cenário, como os documentos haviam afirmado sempre, era o campo. Algumas dezenas de militantes e dirigentes começavam a deslocar-se para o norte do país a partir de 1967, ainda que a significação exata desta implantação somente viesse a ser compreendida em 1972, quando as forças armadas despertam para o que vieram qualificar mais tarde como o "maior desafio da subversão no Brasil."

Por outro lado, a gravitação das teses do Partido Comunista Chinês a nível internacional, preparava as condições para um reforçamento das posições do PC do B.

Havendo na sua grande maioria aderido os maioísmo, uma tendência importante da Ação Popular (ver EM TEMPO nº 82 e 83) desenvolvia um projeto que iria desembocar em sua fusão com o PC do B. A fusão desta corrente jovem da esquerda brasileira, ganha para o marxismo através do pensamento de Mao Tsé Tung, com o grupo stalinista tradicional do PC do B, daria a esta organização uma vitalidade que poucos poderiam imaginar.

Colaboração de pesquisa: Elvira de Oliveira



NICARAGUA LIBRE

Viagem à Revolução Sandinista

Por Bernardo Kucinski

2 — Bienvenidos à Nicaragua Libre

O aeroporto de Toncontin em Tegucigalpa. Pequeno, barulhento. O zum-zum cresce à medida que se prolonga o atraso no embarque.

Ligeira expectativa entre os passageiros.

— Vai ver a reconstrução?

A morena, bonita, cabelos encrespados conforme a moda, viaja para San José, em companhia de outra jovem, negra, para quem "la política nó me interesa."

— Na quarta-feira passada morreu um estudante universitário hondurenho que participava de uma brigada de reconstrução. Matute Savlat... parece que foi um desses ataques de fugitivos da Guardia Nacional que continuam escondidos no mato.

Embarcamos com atraso de uma hora — um pneu havia estourado. A morena explica que foram formadas muitas brigadas de reconstrução, para ajudar os Nicaraguenses. Grupos pequenos, de seis a sete pessoas. Em Honduras, El Salvador, Costa Rica. Pela primeira vez percebo a ênfase dada à palavra "reconstrução", a começar pelo próprio nome da "Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional".

As jovens são enfermeiras; vão a Costa Rica a trabalho. A minha frente uma panamenha, de modos senhoriais vive há anos no México e vem ver a família. As pessoas deslocam-se muito em toda a América Central — e com relativa liberdade de movimentos. Há 50 anos isso tudo já se chamava "Provincias Unidas de la América Central", sob domínio das guarnições militares da Guatemala. De uma rebelião de índios surgiu Rafael Carrera chefe temível que dominou toda a Guatemala e a separou do resto da América Central. Depois, viraria sustentáculo da ordem oligárquica, em troca do título de Presidente Vitalício da Guatemala, que manteve até a morte. Dessa aliança nasce um dos mais originais e brutais regimes de repressão que dura até hoje, quando a Guatemala, já tem 5 milhões de habitantes e mantém a primazia econômica da América Central. Da desintegração da confederação surgiram também o pequeno El Salvador, e Honduras. Regimes militares, dominios da United Fruit. Estamos em plena região das "repúblicas bananeras."

Entre os efeitos imediatos da vitória sandinista está o fim da CONDECA — Conselho de Defesa Centro-Americano — uma super-estrutura de comando militar que colocava os exércitos da região sob direção dos Estados Unidos.

Ao Sul, a Costa Rica, singular democracia burguesa, e o Panamá, dos regimes militares e da Zona do Canal, hoje dirigido por militares nacionalistas.

No meio a Nicarágua, estrategicamente localizada, e agora em Revolução. Entre os efeitos imediatos da vitória sandinista está, por exemplo, o fim da CONDECA — Conselho de Defesa Centro-Americano, uma super-estrutura militar que colocava todos os exércitos da região, com a única exceção da Costa Rica, sob direção do Comando Sul (Query Heights Command), dos Estados Unidos.

Já estamos voando sobre a Nicarágua. Passageiros olham para a paisagem distante, lá em baixo, pensativos.

Lectura de bordo:

Jaime Wheelock Román:

IMPERIALISMO Y DICTADURA:

"A formação da Nicarágua caracterizou-se, acima de tudo, pela continuidade da dependência de potências coloniais que detiveram a hegemonia e o controle do istmo americano e das ilhas do Caribe, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos. A denominação colonial pesava sobre a Nicarágua em relação direta a sua importância, sua localização no istmo, e a facilidade com que seu território se prestaria a uma via navegável inter-oceânica... mas a Nicarágua só se incorporaria definitivamente à esfera de expansão imperialista, ao se constituir numa socie-



Sandino e seu Estado Maior: os iniciadores

dade exportadora de produtos agrícolas, especialmente café."

Estamos pousando. O edifício baixo e alongado do aeroporto vai se aproximando, enfeitado por bandeirolas negras e vermelhas, as cores do sandinismo. Encimando a porta de entrada uma faixa de pano:

BIENVENIDOS A NICARAGUA LIBRE

Ao meu lado os olhos da morena de cabelos crespos faiscam por cima dos ombros da amiga indiferente. Provoco:

— Vienes?

— Nó, tengo que ir a San José. Pero en dos meses vamos a formar, nuestras compañeras enfermeras, una brigada, e vamos a aydar los nicaraguenses. Necesitan mucho de enfermeras."

Aeroporto Augusto Cesar Sandino. Antigo Las Mercedes. Edifício relativamente novo e sem graça, como esses encontros nas cidades mais prósperas do interior do Brasil atualmente. Por toda a parte em grupos de dois ou três, soldados sandinistas, alguns não devem ter mais que 14 ou 15 anos. Todos carregam fuzis, e muitos, percebe-se, não sabem de fato como segurá-los, as meninas, muito "sexy" em roupa de campanha. Nas paredes um grande cartaz:

"Estamos viviendo en Nicaragua una etapa de transición donde la participación del proletariado nos permitirá influenciar el Estado, y la clase obrera va a asumir un papel histórico que nos permitirá maximizar la producción..."

RECUPERAR PARA EL PUEBLO EL DINERO DEL PUEBLO

La dictadura somocista y su camarilla saquearan las arcas del Estado, llevándose mas de 300 millones de Cordobas en billetes de 500 y mil.

Los Somocistas han comenzado a utilizar este dinero para financiar la contrarrevolución y desestabilizar la economía nacional.

Por ello tenemos que eliminar de la circulación estos billetes de 500 y mil córdobas. La consigna es quitar al somocismo lo que pertenece ao pueblo. Debemos ayudar a eliminar de circulación los billetes de 500 y mil córdobas en plena confianza

que nuestro gobierno respetará a quién los adquirió honestamente.

Com la eliminación de los billetes de 500 y mil, el pueblo no pierde un córdoba y el somocismo se queda sin un centavo.

PATRIA LIBRE E MORIR
FRENTE SANDINISTA DE LIBERACION NACIONAL;

Somoza levou o dinheiro grosso que havia em caixa, os sandinistas responderam invalidando as notas de 500 e de mil. Solução inteligente. Desconfio que pode ter algo a ver também com a inflação, que sempre estoura numa período de após guerra — é menos dinheiro em circulação.

A revista da bagagem é perfunctória. Se tivesse trazido algumas bombas, teriam passado. Indício seguro de que a revolução não temo no momento nenhuma ação militar importante do inimigo. Se é que o inimigo ainda existe.

Uma combatente sandinista cobra a "taxa de desembarque" de 1 dólar, que considero barata. Faz questão também que eu troque meus dólares com ela, e paga 10 córdobas por cada dólar. Coloca o dinheiro num envelope. Caixa improvisada. vários carimbos com o final triunfalista "patria o muerte", e estou liberado.

Do lado de fora o assédio de uma mulher aflita:

— O senhor não tem dólares para vender? O Senhor não tem dólares para vender? Pago 11 córdobas. Lá dentro só pagam 10; eu pago 11, por favor...

O motorista me parece tão picareta como qualquer outro motorista de taxi de aeroporto. Aparecem alguns gurus; a mulher levanta a voz ainda mais. O dia está no fim, apenas se consegue um resto de impressão de como seria o clima durante o dia. Quente e úmido, mas não tão abafado quanto o nosso clima amazônico. O calor é suportável. Decido não discutir com o motorista e topo pagar as 80 córdobas que pede para me levar até o Hotel. Para uma cidade de apenas 500 mil habitantes, a viagem não é curta, são oito quilômetros.

Um rapaz entra silenciosamente e acomoda-se no banco traseiro

— Es mi hijo. No me gusta viajar solo estes dias, es que si necesito transportar un pasajero muy lejos...

Dou de ombros e compro dois jornais que os gurus oferecem aos gritos: "La Barricada", "La Barricada", "El Pueblo" "El Pueblo."

O motorista não é de muita conversa. Diz que tem 11 filhos e que "Somoza tinha que cair." Já está bem escuro quando partimos.

"Queda reservado exclusivamente al Frente Sandinista de Liberación Nacional (F.S.L.N.) y a las agrupaciones cívico-laborales y de toda índole que este organice o a el se integren bajo su dirección, el uso de la denominación "SANDINISTA..."

Hotel Pataky. Na mesa de recepção, um velhinho de fala incompreensível e fisionomia com traços vagamente chineses. Ouvidos presos ao rádio, que anuncia mais um decreto da Junta. Acertamos a acomodação, ele volta para perto do rádio. Um cenário de Graham Greene. Parece que sou o único hóspede do Pataky. São oito horas da noite e lá fora ouvem-se tiros. São tiros, indiscutivelmente. O velhinho adverte "No salga a la calle después de las nueve. No hay mas conducción... es peligroso, aún ha somocistas fugitivos que salen por la noche y cometen tonterías".

Depois da ducha, um jantar frugal, com pequenas porções de feijão-com-arroz muito parecido ao nosso feijão mineiro.

NOTICIA DE JORNAL

EL PUEBLO

LA CENTRAL SANDINISTA DE TRABAJADORES SE INAUGURA DICHIENDO: OBREROS Y CAMPESINOS AL PODER;

Con la participación de miles de obreros organizados en diferentes sindicatos, quedó oficialmente inaugurada el día de ayer la Central Sandinista de Trabajadores José Benito Escobar, antes, Casa del Obrero. Por la Central Sandinista tomo la palabra Pedro Ortiz, quien dijo:... estamos viviendo en Nicaragua una etapa de transición, donde la participación del proletariado nos permitirá influenciar al Estado y la clase obrera va a asumir un papel histórico que nos permitirá maximizar la producción en el país... el sistema capitalista ya jugó su papel con el derrocamiento militar de la dinastía somocista y ahora se encuentra en su última etapa... tenemos que partir de la premisa que el proletariado será la clase dirigente en nuestro país... es necesario que la clase obrera, se organice en una central única de trabajadores, porque la clase obrera es una y no podemos atomizar-se y caeríamos en una postura contrarrevolucionaria... así, todos a organizarnos para que se haga realidad la consigna: Obreros y campesinos al poder."

Em "La Barricada" a inauguração da Central Sandinista de Trabalhadores é noticiada mais discretamente, e com ênfase na necessidade de "defesa da revolução sandinista". A manchete principal do jornal é sobre o último decreto da Junta:

Considerando que es principio fundamental de La Revolución Nicaraguense la apertura para todos los partidos y agrupaciones... que el Frente Sandinista de Liberación Nacional por historia y derecho propio es el defensor y fiel interprete de los principios y metas de la ideología sandinista...

DECRETA

Queda reservado exclusivamente al Frente Sandinista de Liberación Nacional (F.S.L.N.) y a las agrupaciones cívico-laborales y de toda índole que este organice o a el se integren, bajo su dirección, el uso de la denominación "SANDINISTA", en términos políticos, sus símbolos y distintivos."

Fecho os jornais e saio para a rua. Impossível ficar fechado num quarto de hotel, na primeira noite em Nicaragua Libre. Contorno com cautela a quadra encontrando uma avenida que me parece mais movimentada, ou menos deserta. Há muitas casas abandonadas, pode-se perceber sem muito esforço. Numa delas, à luz de vela, um grupo de soldados sandinistas espalhados pela sala sem mobília; alguns com outros conversam. Entro e me apresento.

Próximo capítulo:
Relatos da Frente

Albânia:

O bastião da ortoxia stalinista

Por Virginia Pinheiro

A volta do exílio e da clandestinidade dos dirigentes comunistas brasileiros torna atual o debate sobre as diferentes concepções que os partidos a que eles pertencem, defendem. Entre elas existe uma de especial interesse e que nunca mereceu maior atenção dentro da esquerda brasileira. Trata-se da concepção da democracia socialista e seus coloridos: a questão do partido único, da burocracia, da ditadura do proletariado. Esse debate, evidentemente, não é nacional. Ele divide o socialismo também, a nível mundial. Além do mais as correntes internacionais se vinculam diretamente às correntes nacionais. Por exemplo: a Conferência Ampliada do PC do B que ocorreu recentemente no exterior declarou o ano de 1979 como o «Ano Stalin» (em dezembro se dará o centenário de seu nascimento) e nomeou Enver Hodja — o secretário geral do Partido do Trabalho da Albânia — como seu presidente de honra. Isto revela, no mínimo, uma certa concordância de princípios entre o PC do B e o PTA e tem consequências práticas para a esquerda brasileira. Aqui levantamos alguns traços do tipo de concepção que o PTA defende tomando por referência o último livro de Enver Hodja intitulado «Reflexões sobre a China — 1962-1972», publicado agora na França.

A violenta guinada crítica do Partido do Trabalho da Albânia contra a China atual e o maoísmo — contraditória com o fato do PC chinês ter sido seu principal aliado político desde o XXº Congresso do PC da URSS — ganha novos elementos com a publicação do último livro Enver Hodja (1). O livro pretende provar que as críticas atuais da Albânia ao seu ex-“partido-irmão” não constituem uma mera adaptação oportunista aos novos tempos, mas são a consequência lógica de uma série de divergências acumuladas anteriormente. Juntamente com o livro “Imperialismo e Revolução” de edição também recente (2), as “Reflexões” de Hodja, parecem ter o mérito de colocar com toda a clareza a essência da questão: a Albânia — dirigida pelo PTA — é hoje o último reduto da ortodoxia stalinista e pretende defendê-la sem nenhuma adaptação.

Por outro lado, o conjunto de mudanças recentes na gestão da sociedade chinesa, apesar de seu caráter confuso, indicariam uma tendência contrária: a de tomar ainda maior distância do que a China de Mao, da tradição stalinista. A China pós-Mao pretende representar a restauração da democracia socialista promovendo, por exemplo, uma série de reabilitações políticas que revertem a hegemonia da fração maoísta que se afirmara no período da Revolução Cultural. Tal restauração — no entender da direção chinesa — teve início com a reabilitação de Deng Xiao Ping e se estende agora com a libertação de um grande número de prisioneiros políticos. Entre os libertados recentemente se encontram velhos dirigentes trotskistas dos quais até então não se sabia estarem vivos ou mortos. O particular desse evento consiste no fato de que não se trata de uma reabilitação política dado que os trotskistas não foram vítimas apenas da fração maoísta hoje em desgraça, mas foram vítimas do PC chinês em seu conjunto: quaisquer que tenham sido as divergências entre os diferentes grupos e frações da direção chinesa no curso dos últimos 30 anos, todos estavam de acordo que os trotskistas deveriam permanecer na prisão como contra-revolucionários. Agora são libertados e declarados inocentes sem que isso seja acompanhado de nenhuma autocritica do partido. (Ver box).

O partido único

Enver Hodja seguramente verá aí — primeiro na existência e em seguida na libertação dos trotskistas — uma confirmação dos “métodos oportunistas” que ele já reprovava em Mao Tse Tung. Em suas “Reflexões” ele acusa Mao por haver permitido que se desenvolvessem duas linhas dentro do PC chinês, preferindo “a via oportunista” de educação e reeducação dos opositores à via revolucionária que consiste em atacar os inimigos não apenas por meio de palavras e de afiches (numa clara referência aos dazibaos criados pela Revolução Cultural) mas, se necessário for, com uma bala na cabeça” (3). E em seguida toca no fundo da questão: “É precisamente por haver adotado pontos de vista oportunistas sobre Stalin e seus pretensos erros que a China jamais foi socialista” (4).

Hodja hoje, ao contrário de quase todos os dirigentes comunistas da atualidade, assume em sua integridade toda a visão e prática stalinista que vai desde a defesa e construção do socialismo num só país, até a concepção e exercício da ditadura do proletariado que se dá não através das organizações independentes dos trabalhadores, mas, através do partido único: para que ela possa ser exercida é necessário que o partido, único: para que ela possa ser exercida é necessário que o partido, além de único seja monolítico; isto é, não tolera nenhuma divergência interna e acredita firmemente que jamais se engana ou comete erros.

Entretanto, na medida em que as divergências são inevitáveis — refletindo não apenas os diferentes níveis de consciência no interior das classes exploradas que se engajam no processo revolucionário, como também os interesses mais



Enver Hodja (esquerda) e Mehmet Shehu homenageiam os mortos da libertação nacional.

da sociedade — a lógica stalinista leva também inevitavelmente à eliminação não apenas política mas física de todos os opositores contra os quais nunca faltarão argumentos que comprovem sua atividade “contra-revolucionária”.

Ora, o poder exercido através de um partido único monolítico não constitui apenas uma usurpação do poder dos trabalhadores. Transforma-se também numa monstruosa máquina de produção de erros já que não resta mais nenhum meio de se confrontar a orientação e a prática do partido com a realidade senão o da própria subjetividade de seus dirigentes.

Os melhores amigos

No entanto, o fato do PTA arcar hoje sozinho com o ônus da defesa plena do stalinismo não significa que seus velhos camaradas da Internacional Comunista tenham aberto mão de sua prática histórica. No caso dos eurocomunistas de hoje, o livro de Jorge Semprum, “A autobiografia de Federico Sanchez” é uma enorme pedra nos sapatos. Uma das questões importantes que ele coloca é a da analogia entre os assassinatos políticos da era stalinista — e que Hodja ainda defende — e a falsificação da história ainda hoje praticada em larga escala:

“Um sistema desse tipo necessita refazer constantemente a história, reescrevendo-a, para ajustá-la às necessidades táticas do momento político. Por isso, seu pior inimigo é o testemunho verdadeiro. Uma memória lúcida e crítica é a pior inimiga dessa pragmática e arbitrária história dos desmemoriados (...) Ao longo de sua vida, mortífera, Stalin foi eliminado sempre os testemunhos possíveis, os que não estavam dispostos a desmemoriar-se. Mas nesse aspecto, Stalin não é uma exceção. É o protótipo de todos os dirigentes comunistas. Todos eles odeiam a memória verdadeira. Para convencer-se disto, basta ler suas memórias. As do francês Duclos e as da espanhola Passionária, por exemplo. Bastar “Mañana na Espanha”, de Santiago Carrillo, quando aborda problemas históricos e biográficos. Há no momento uma diferença entre Stalin e estes outros dirigentes. Reside em que os últimos não dispõem, nem dispuseram nunca do absoluto poder de Stalin. Não estão em condições de aniquilar a todos os testemunhos, de destruir totalmente a memória que permitirá reconstruir a verdade histórica” (5).

Mas quanto à questão do poder, Hodja talvez seja a grande exceção dessa constatação de Semprum. Ele está no poder desde 1946, depois de ter

combatido valorosamente o fascismo, mas depois também de ter eliminado fisicamente não apenas os opositores de esquerda. Ele dispôs nesse tempo de um poder absoluto como o de Stalin, só que em escala menor, apenas a nível nacional. Eis por que hoje, ao contrário dos demais dirigentes comunistas da atualidade, não tem ninguém lhe cobrando nada e ele pode seguir defendendo a ortodoxia stalinista sem nenhuma adaptação. Já um Santiago Carrillo, por exemplo, viverá provavelmente até o fim de seus dias sendo constantemente lembrado não apenas dos fracassos sucessivos da Revolução Espanhola como também do envolvimento direto do PC espanhol e do Partido Socialista Unificado da Catalunha no extermínio do POUM e de seus principais dirigentes, como Andrés Nin. E Carrillo é bem o protótipo dos dirigentes comunistas que não estão no poder: se apresenta hoje como um democrata convicto, partidário incondicional da pluralidade partidária e adepto absoluto do diálogo com todas as correntes do movimento operário.

combatido valorosamente o fascismo, mas depois também de ter eliminado fisicamente não apenas os opositores de esquerda.

As inovações chinesas

Uma outra modalidade de comunistas da atualidade são os dirigentes dos países do leste. Depois do XXº Congresso do PCUS, mantiveram-se fiéis aos velhos métodos, adaptando-os: os hospitais psiquiátricos e as oposições clandestinas de esquerda estão aí para prová-lo.

Já a China, apesar das inovações das Cem Flores e da Revolução Cultural não chegou a colocar em questão o centralismo burocrático e a legitimidade da repressão às posições opositoras. É assim que pode dar-se ao luxo de seguir o que Enver Hodja chama de “a via oportunista”: ao invés dos assassinatos puro e simples a morte lenta nas prisões vermelhas perpétuas, enquanto os opositores não organizados “expressam-se livremente” nos dazibaos. A libertação dos septuagenários dirigentes trotskistas e a manutenção nas prisões dos partidários do “bando dos quatro”, — vivos ou mortos? — não é nenhum indicador de que os atuais dirigentes chineses saibam o que é a democracia socialista. Ao contrário, mais uma vez contribuem para manchá-la.

Notas de pé de página

- (1) Ver o artigo de Eric Vigne no Le Monde Diplomatique de 10/79.
- (2) Ver EM TEMPO nº 54
- (3) Reflexões... pág. 90.
- (4) Idem. Sobre as críticas de Mao referentes ao culto à personalidade na época stalinista Hodja faz uma curiosa defesa de Stalin: “Sempre que nos encontramos Stalin procurou de todas as maneiras me inspirar o sentimento de que eu estava na presença de um camarada que me tratava de igual para igual (...) Ele chegava até mesmo a se preocupar em me recomendar que colocasse o chapéu para não sentir frio, chegando ao ponto de me mostrar os toilettes sempre que eu precisava ir até eles” (Reflexões pg. 92). Isto é, parece que o secretário geral do PTA confunde a crítica feita ao culto à personalidade com uma crítica não feita de que Stalin não entenderia de boas maneiras.
- (5) Jorge Semprum: A Autobiografia de Federico Sanchez pg. 196.

China

27 anos de prisão

Por Gregor Benton, da INPRECOR

O trotskista chinês Zheng Chaolin, com 78 anos, foi libertado no dia 5 de junho de 1979, junto com sua esposa Wu Jingru, depois de ter passado 27 anos na prisão. A Corte Suprema da República Popular declarou Zheng inocente de qualquer crime e o libertaram junto com 7 outros camaradas e sua esposa, Wu Jingru, que partilharam voluntariamente os últimos sete anos de sua prisão. As autoridades chinesas os convidaram para jantar e dar uma volta através de Shangai para mostrar a eles as realizações do regime. Zheng e Wu receberam da municipalidade um apartamento no centro da cidade.

Zheng Chaolin foi um dos fundadores do PC chinês e de sua posterior corrente trotskista muito influente. Passou quase metade de sua vida na prisão, primeiro como “revolucionário perigoso” sob o regime do Kuomintang, e em seguida como “contra-revolucionário” sob o regime do PC chinês.

Tradicionalmente, se considera que o famoso revolucionário francês Auguste Blanqui, que passou 33 anos de sua vida de 75 anos na prisão, detém o “record” da prisão política. Zheng ultrapassou esse recorde por 1 ano: 7 anos de prisão sob o Kuomintang e 27 anos de prisão sob o PCC. A tragédia do velho casal, Zheng e Wu, torna-se mais escandalosa se situada em relação a seu passado.

Zheng Chaolin começou sua atividade revolucionária em Paris imediatamente após a I Guerra Mundial. Em conjunto com outros jovens emigrantes chineses, entrou para a famosa seção francesa do PC chinês. Entre seus camaradas mais próximos em Paris estavam Chou-En-Lai, Deng Xiao-Ping, Chen Yi (mais tarde ministro dos assuntos estrangeiros) e Li-Wei-han (mais tarde chefe do departamento do trabalho de Frente Unica do PCC).

Em 1924 retornou à China onde se tornou o secretário da seção de propaganda do partido, assim como redator-chefe adjunto do principal órgão de imprensa do partido, “O Guia Semanal”. Foi também um dos delegados — menos de vinte — da conferência extraordinária do partido de agosto de 1927 e que marcou uma virada decisiva na condução do partido.

Nesse ano casou-se ainda com uma das ativistas do partido em Wuhan, Wu Jingru, uma jovem nascida de uma rica família de mandarins de Kunming que começou a trabalhar no departamento de Propaganda e Agitação do partido com a idade de 19 anos.

A derrota de 27 levou um bom número de militantes do núcleo reduzido de comunistas nas cidades chinesas a colocar em questão a estratégia do Partido e do Komintern. Ao mesmo tempo, nasceu, uma corrente trotskista se desenvolveu entre os estudantes chineses. Nuns deles são detidos e mortos nos campos soviéticos (ver a respeito “Memórias de um Revolucionário Chinês 1919-1949”, ed. Oxford University). Mas um certo número deles puderam retornar à China para onde trouxeram documentos secretos da Oposição de Esquerda. Ganham então o apoio de um número importante de ativistas do partido, entre os quais, Chen Dusiu, o fundador do movimento comunista chinês e primeiro secretário geral do PCC, e que, por isso mesmo, foi transformado no bode expiatório do fracasso da estratégia do Komintern na China.

Zheng e Wu se pronunciaram pelo trotskismo. Eles figuram entre os 81 signatários da plataforma política do grupo Chen Du-siu em 1929. Após sua expulsão do partido oficial constroem uma tendência trotskista independente que permaneceu com o nome de Oposição de Esquerda do PCC. Zheng é eleito para seu Comitê Central. Em maio de 1931 a maior parte dos trotskistas são presos pelo Kuomintang, entre eles, Zheng e Wu. Wu foi libertada após alguns meses de prisão mas Zheng foi condenado a 15 anos.

Em 1938 Zheng foi libertado graças a uma anistia geral proclamada após o início da guerra contra o Japão. Ele estava então em péssimas condições físicas e se retirou por algum tempo para o campo a fim de se reestabelecer.

Após o restabelecimento de Zheng em 1940, o casal retorna a Shangai onde participa ativamente na resistência clandestina anti-japonesa.

Em 1949, após uma cisão no interior do movimento comunista chinês, Zheng torna-se o dirigente do Partido Operário Internacionalista. O número de seus aderentes nunca ultrapassou algumas centenas. Sua existência terminará logo após a vitória do PCC a nível nacional. Nessa ocasião, os antigos amigos de Zheng no interior do novo governo, insistiram com ele para que fizesse um acordo com o regime, mas ele recusou.

Na noite de 22 de dezembro de 1952, as forças de segurança do PCC detiveram entre 200 e 300 trotskistas e simpatizantes; entre eles se encontrava novamente Wu e Zheng. Através de um processo secreto, Wu foi condenada a 5 anos de prisão. Quando foi libertada em 1957 estava paralisada das duas pernas. E Zheng, por que ficou um quarto de século atrás das grades de uma prisão “comunista”? A acusação era apenas a defesa de suas convicções políticas.

Ficamos tentados a concluir que Deng Xiao Ping esperou o momento no qual a sua energia estivesse suficientemente minada pela doença para intervir em sua libertação, já que Zheng confirmou logo após ter saído da prisão que não mudou de convicções e há mais de 27 anos

El Salvador Sai o general, entram os coronéis.

Nunca um golpe militar na América Latina recebeu, tão imediatamente, apoio de setores que se pensava serem radicalmente opostos. O Partido Comunista salvadoreño e o Departamento de Estado norte-americano quase se atropelaram na pressa de saudar o novo regime que derrubou a ditadura do general Carlos Humberto Romero. O golpe, desfechado no último dia 15 por um grupo de coronéis, estava sendo preparado há seis meses, declararam os próprios membros da junta de governo, integrada por dois militares — os coronéis Abdul Gutierrez e Adolfo Arnoldo Majano — e três civis — um reitor de universidade, um dirigente do Movimento Nacional Revolucionário, organização centrista e um gerente de uma empresa norte-americana. A repentina simpatia dos EUA pelos coronéis salvadoreños faz supor que por trás das rápidas e eficientes manobras militares nos principais quartéis do país, esteve o dedo do Departamento de Estado. Ainda mais porque no primeiro dia do golpe, Holding Carter, porta-voz do mesmo Departamento já dissertava com absoluta segurança sobre as medidas liberalizantes do novo mais de uma centena de mortos entre os grupos guerrilheiros que se opuseram nas primeiras horas à mudança de regime. Na Casa Branca, o secretário de Estado Cyrus Vance discutia com Harold Brown, da Defesa e os conselheiros para assuntos de segurança nacional, Zbigniew Brzezinski a nova política dos EUA em El Salvador.

“Um golpe preventivo, cuidadosamente preparado nos EUA para evitar a instauração de um regime popular no país”, foi como alguns grupos guerrilheiros classificaram o golpe de Estado. Mas, ante a promessa de anistia aos prisioneiros políticos, punição para as organizações terroristas de extrema-direita, legalização para o PC e um variado programa de abertura, um dos grupos guerrilheiros — o ERP — resolveu ceder e apoiar a nova Junta. Na oposição ficou por enquanto o Bloco Popular Revolucionário de quem os coronéis procuram desesperadamente a adesão. Pois são nada menos de 30 mil ativistas que, antes do golpe ameaçavam a general Romero, e agora podem ameaçar os coronéis, contra os quais já prometeram realizar manifestações massivas de protesto.

(Vilma Ar. ro)



Do exército sandinista aos demais terrenos da vida social

Nicarágua As mulheres ganham as ruas

O grande mérito das revoluções é sacudir a poeira e trazer à luz toda a potencialidade adormecida da sociedade. Quando as grandes massas revoltam-se, intervindo diretamente na história, deixam atônitos os filisteus da normalidade burguesa. A coisa se repete desde a Comuna de Paris e está acontecendo agora na Nicarágua Sandinista.

No centro da América Central, onde o tradicional machismo latino americano ainda não foi sequer arejado por alguma industrialização, eis que as mulheres tomam parte ativa no movimento sandinista, chegando a fazer trinta por cento dos efetivos do exército e encaminhando uma série de demandas sociais que só podem contribuir para o deslocamento do papel tradicional da mulher na sociedade. A AMPRONAC (Associação de Mulheres Preocupadas e com o Problema Nacional), organização feminina da Frente Sandinista, fundada em 77 e que lidera o movimento, deixa claro que se trata de um movimento amplo e que “as mulheres não querem mais voltar para dentro de casa”.

(R. Grum)

EUA Exilados cubanos contra o bloqueio

“As únicas tropas estrangeiras em Cuba são os americanos da base de Guantanamo”. Com essa afirmação foi aberta a manifestação de protesto realizada em Nova York contra as ameaças de Carter aos cubanos. Contando principalmente com o concurso da Brigada Antonio Maceo — formada por cubanos, filhos de exilados, simpáticos à causa da Revolução — dos socialistas e dos nacionalistas portorriquenhos, os manifestantes exigiram de Carter a retomada das relações diplomáticas com Cuba e seguraram a barra contra uma manifestação de ultra direita dos exilados cubanos que se realizava na mesma cidade contra a presença de Castro. Esta na verdade um grande fracasso, o que mostra o definhamento dos grupos que realizaram a tentativa de desembarque na Baía dos Porcos.

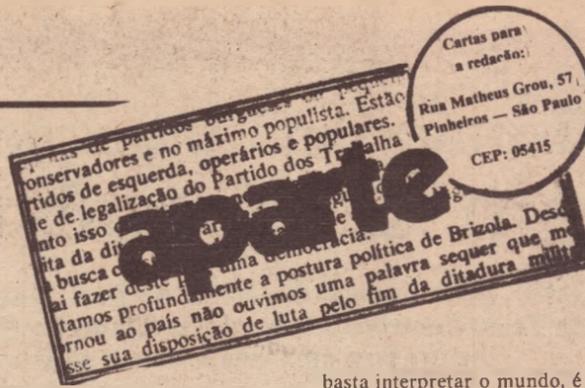
Por outro lado, em Miami, essa mesma extrema direita atacou uma exibição, também promovida pela Brigada, do excelente filme cubano “Memórias do Subdesenvolvimento”, destruindo a cópia, o projetor, além de dar muitos tiros, sem vitimas.

(M. Torres)



Não deixe de ler

O novo livro de Marcio Moreira Alves: **Trabalhadores na Revolução de Cuba - ontem e hoje**. Uma publicação da Editora VEGA S.A. à venda nas melhores livrarias.



Marxismo e Quadrinhos II

Companheiros do GMD de Minas gostaria de dirigir-lhes algumas palavras com respeito à carta de vocês, publicada no último EM TEMPO referente à nota “Filosófica em quadrinhos assinada por mim no ET n.º 83.

De início, gostaria de desmanchar um malentendido com respeito à expressão que utilizo na matéria em questão — “prazer gratuito dos quadrinhos”. Com isto, nunca me ocorreu afirmar que fossem inocentes (como em outra dimensão também não o são os contos de fadas); que Tio Patinhas, Tintin, Fantasma e tantos outros vêm carregados de ideologia imperialista, colonialista, racista, etc., é por nós sabido. Com “prazer gratuito”, quis apenas significar que a fruição e não a produção dos quadrinhos é, em um certo sentido, “desinteressada”, faz parte do nosso “lazer”. É claro que esta diversão divulga e reproduz a ideologia burguesa com seu esquematismo, sua simplificação e seu jargão — com uma linguagem chapada — que é a forma burguesa de dominação das consciências, sua forma de impedir a Crítica. É neste sentido que os marxistas, ao utilizarem a técnica do quadrinho como instrumento eficaz de divulgação de obras teóricas (luta ideológica) tendem a diluir o caráter crítico dos conceitos nelas presentes. Além disso, penso que os quadrinhos possuem um registro discursivo próprio, de tal forma que **O Capital** transformado em comic não é **O Capital** de Marx, é outra coisa, que pode mesmo ser de grande interesse e de primeira qualidade, a exemplo de **Hamlet** de Gianni de Luca de “Corto Maltese” de Hugo Pratt (premiado como “verdadeiro romance em quadrinhos”, em inúmeros festivais) e dos grafismos russos de 1917.

Quanto à recomendação que vocês me dirigem, de não esquecer “a famosa tese do velho filósofo alemão” (a XI tese sobre Feuerbach) de que “não

basta interpretar o mundo, é hora de transformá-lo” Marx diz o que **importante** é transformá-lo, gostaria de assinalar que não se deve confundir praxis com pragmatismo, com prática imediatista (talvez não seja esta a intenção dos companheiros); além do que, o “velho filósofo” quando escreveu esta tese era muito jovem (ela data de 1845) e até sua morte em 1882 escreveu muita Teoria e fez muita Crítica.

Por último, espero que vocês não recebam esta curta resposta com pesar, porque há coisas muito mais tristes no mundo do que uma breve nota que talvez venha a contrariar as nossas convicções.

Cordialmente
Olgária Mattos

A revolução, Lula e o Jornal da República

Ao redator do Jornal EM TEMPO

No Jornal da República de 13/10/79 saiu na primeira página a seguinte declaração do Lula: “Uma Revolução não se faz com todo um povo, uma Revolução se faz com uma minoria consciente e disposta a lutar”. Escrevo esta carta para discordar radicalmente do Lula.

Uma revolução altera a vida de todo um povo e se praticada por uma minoria se transforma fatalmente num gesto profundamente autoritário. E talvez Lula não saiba, mas uma Revolução não é simplesmente a instauração de uma nova ordem política, em tampouco a instauração de um governo voltado para os interesses populares, se é que existe tal coisa.

Como poderiam ser eliminadas as relações autoritárias entre as pessoas, o machismo, o racismo, todos os preconceitos e bitolas — que além dos baixos salários, também nos asfixia — se a Revolução fosse feita por uma minoria? Seria por decreto?

Ciclo de Cinema

Sindicato dos Bancários de São Paulo

Próxima Apresentação:
«As Amigas»

de Michelângelo Antonioni, 1955

Data: Dias 27 e 28/10 às 18 e 20 horas (sábado e domingo)

Local: Rua Florêncio de Abreu, 270 — Centro SP
Ingresso: Cr\$ 20

bancários e metroviários sindicalizados Cr\$ 10,00

Simpósio sobre a fábrica no Brasil

Todas as 2ªs feiras do mês de outubro às 20 hs.
Próximo debate: Fábrica e Democracia dia 29/10
Local: Rua da Matriz, 82 — Botafogo — RJ Tel: 286-0966
Promoção do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

Leia e assine

COMPANHEIRO

Uma imprensa que luta contra a ditadura e a exploração

Semestral Cr\$ 120,00

Anual Cr\$ 240,00

Anual para o exterior \$ 70

Cheque nominal para Editora Avante Ltda.
Rua Itapeva, 28 — Bela Vista.
CEP 01332 — São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

Cep: _____

Estado _____

Bairro: _____

Profissão: _____

Cidade: _____

EM TEMPO

Rua Mathews Grou, 57 - Pinheiros
São Paulo - CEP 05415 - Telefones:
280-4759/853-6680

CONSELHOS EDITORIAL E ADMINISTRATIVO:

Eder Sader (presidente) Aluísio Marques, Antonio Helder, Antonio Jorge, Carlos Tibúrcio, Flávio Aguiar, Flávio Andrade F. Pereira, João Batista dos Mares Guia, José Luiz Nadai, Marcelo Beraba, Marco Aurélio Garcia, Paulo Cavalcanti, Raul Pont, Robinson Ayres, Sérgio Allí, Tom Duarte. (Suplentes: Luci Ayalla, Marisa Araújo, Roberto Rodrigues, Sandra Starling, Valmir Menezes).

DIRETORIA:
Flávio Andrade (presidente), Carlos Tibúrcio, José Luiz Nadai, Marco Aurélio Garcia, Robinson Ayres.

EDITOR-CHEFE:
Carlos Tibúrcio.
SECRETÁRIOS DE REDAÇÃO:
Robinson Ayres

DIRETOR RESPONSÁVEL:
Robinson Ayres.

REDAÇÃO: F. Pereira, Antonina, Silveira, Flávio Andrade, Sérgio Allí, Elvira Oliveira, Maria Cândida, Relton Fracalossi, Eder Sader, Marco Aurélio Garcia, Tom Duarte, Guido Mantega; Vilma Amaro, João Machado, Olgária Mattos, Euzabeth Lobo, Roberto Grum, Virginia Pinheiro, Eliezer Rizzo de Oliveira; Flávio Aguiar.

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E SECRETARIA GRÁFICA: Paulo Roberto M. Borges, Sérgio Papi; Ilustração: Sian, Martinez, Janeiro: (Praia de Botafogo, 316,

Cadinho, Cláudio Natal, Beto Maringoni, Nilson e G.M.D.; Fotos: Jesus Carlos, Ennio Brauns Filho;

SUCURSAIS: Belo Horizonte: (R. Bernardo Guimarães, 1884 — Tel:335-7773) Alberto Duarte, Ernesto Passos, Fernando Mirand., Lélto Santos, Mauricio Godinho, Paula Regis, Paulo Vilara, Ricardo Rabelo, Sérgio Aspahan, Juarez Guimarães, Sandra Starling, João Batista, Marisa Araújo, Amarildo.

Porto Alegre: (Av. Osvaldo Aranha, 1407 — Loja 20) Ana Barros Pinto, Carlos Avelino, Gerson Schermer, Sosa, Adão Capa, Claudio Almeida, Flávio Siqueira, João Rodrigues Soares, Luiz Alberto Rodrigues, Lucy Ayala, Raul Pont. Rio de Janeiro: (Praia de Botafogo, 316,

Sala 209) Beatriz Lerner, Paulo Cavalcanti, Riberto Rodrigues, Marcos Gomes, Valmir Menezes, Joaquim Soriano, Eliane, José Coutinho, Lavinia, Marcelo Beraba, Salvador: (Av. Joana Angélica, nº 8 — 1º andar — Sala 14) Adelson Oliveira, João Henrique, Antonio Jorge, Antonio Dias, Antonio Helder, Emiliano José, Dalton Godinho, Lina Maria.
EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S.A. — Rua Bernardo Guimarães, 1884 — Lourdes, Belo Horizonte — Telefone: 35-7773. Distribuidora: Superbancas Ltda. m R. Ubaldo do Amaral, 42 — RJ. Composição e Impressão: Empresa Jornalística AFA Ltda — Av. Liberdade, 704 — São Paulo — SP — Fone: 278-9010.

Tortura em Conceição do Araguaia PMs enrabam camponês e obrigam a chupar

Sexta-feira, 19 de outubro. Gatão, líder sindical de Oeiras do Pará, entra na casa nº 57, na rua Matheus Grou, em São Paulo. Sede do EM TEMPO. A pedido de Paulo Fontelles, advogado da Comissão Pastoral da Terra, órgão da CNBB, denuncia que policiais torturaram uma criança de 7 anos e sequestraram um camponês.

Tudo isto na fazenda Tupã Cinabran, na região de Xinguara, no município de Conceição do Araguaia.

Por Robinson Ayres

Fale um pouco de você, seu nome...
Prá vocês meu nome é Atanagildo de Matos, mas eu prefiro ser chamado de "Gatão", "crescente" de gato, que é como os companheiros me conhecem lá no Pará. Nasci em 1950, lá no município de Oeiras do Pará. Comecei a trabalhar nas comunidades de base da Igreja, em 1970, como autêntico cristão. Naquela época a Igreja resolveu criar um Sindicato na área. Organizado o Sindicato eu, que já estava na luta, comecei a trabalhar nele. Foi tesoureiro de 1973 a 1976 e presidente de 1976 a 1979. Agora nas últimas eleições, preferi abandonar a diretoria porque senão a gente acaba ficando com a mão fina. Eu nunca abandonei o trabalho no campo. Era uma vida muito cansativa esta de trabalhar no Sindicato e na agricultura. E tem mais, o sindicalista no campo precisa não ter amor à vida pois, pensar que combatendo o "barão" ele pode ser assassinado, não tem outra; ele vira pelégo. O cara para ser dirigente sindical, como diz um companheiro, "precisa ter culhão preto", cabra medroso não entra na luta. Deixei claro que vou fugir da luta, fui indicado para o Conselho Fiscal e acetei.

As torturas no Araguaia

— Você falou que nos procurou para uma denúncia escabrosa...
— Quando eu estava em Belém, agora na minha vinda para cá, recebi um telefonema de Conceição do Araguaia, do advogado, Paulo Fontelles denunciando um fato terrível, acontecido na fazenda Tupã Cinabran, lá na Xinguara. Nesta localidade vivem 300 lavradores e o fazendeiro dá porrada neles, derruba tudo quanto é plantação e as autoridades ficam caladas, tudo é feito com o apoio da polícia. Antes mesmo de seu receber o telefonema, 5 agricultores de outra fazenda da região denunciavam, em Belém, que tinham sido presos e torturados, foram forçados a beber urina e quando pediam para cagar mandavam que cagassem dentro da boca uns dos outros. Tudo isto dentro do xadrez lá da Conceição do Araguaia. Agora, o que o Paulo Fontelles me comunicou, foi que na Tupã Cinabran, na 2.ª semana de outubro os policiais torturaram uma criança de 7 anos e, quando estavam para matá-la, chegou um adulto que eu não sei se era o pai da criança. Os policiais pegaram o adulto, deram porrada nele e depois o enrabaram. Enrabaram o agricultor e depois o obrigaram a sentar e chupar a "rola" do próprio soldado que o enrabara. Foram policiais fardados que cometeram esta barbaridade. — isto que a polícia está fazendo lá. O Paulo Fontelles disse prá mim "vê se você denuncia isto lá no EM TEMPO, faz o possível para que eles digam as coisas horríveis que estão se passando aqui em Conceição do Araguaia".

— Qual o quadro geral da situação na região, onde a violência tem sido uma constante?
— Oeiras do Pará fica no centro do Estado. O município faz divisa com Bagre, Cametá, Baião e Curralinho. No fim de 1972 começaram a chegar na região, vindo de diversos pontos do sul do país, as empresas industrializadoras de palmito. A exploração de palmito se expandiu e foi devastando a região, destruindo tudo que havia de produção de açaí, a principal alimentação dos trabalhadores da área. Com o palmito a exploração dos trabalhadores foi levada limites insuportáveis. A jornada de trabalho foi estendida a 16 e 18 horas por dia, porque quanto mais se trabalha mais se ganha, o pagamento é por produção. Com isto quem ganha são os donos das empresas que se enriquecem cada vez mais, explorando mulheres e menores. Cada homem, trabalhando de 16 a 18 horas por dia, consegue tirar uma média de 200 palmitos. Atualmente recebem Cr\$ 100,00 pelo cento.

No campo, cabra medroso não entra na luta

Em 1973 começou a infiltração de novas empresas na região. Chegavam querendo terra, às vezes em nome do próprio governo. O RADAM e o IDEP faziam a demarcação, assim a coisa começou. Por volta de 1974 as empresas começaram a chegar direto e fazer a derrubada, construir campos de aviação, trazer casas pré-fabricadas e instalá-las dentro da mata mesmo e com isto iam tirando os agricultores de dentro destas áreas, agricultores que produziam e saem sem direito a nada.



Na região existe uma empresa, a Agroeste S.A., que tem 800 peões e é responsável pela grilagem de terras mais agressiva e violenta que é feita na área. A Agroeste pretende, em 1979, alcançar uma área de 200 mil ha. lá no município e já expulsou muitos agricultores de suas terras.

— Diante de tudo isto qual tem sido a atitude do Sindicato?

Sempre que recorremos à justiça nada foi resolvido. Então, mais recentemente, quando a situação ficou mais grave, depois de várias reuniões e discussões com os trabalhadores, chegamos à conclusão de que a única coisa que podemos fazer é não sair da terra.

Sair da terra, só morto.

As autoridades nunca estão do nosso lado, não vão resolver nada. E foi com suas próprias experiências que os agricultores tomaram esta consciência. Exemplos não faltam. Recentemente os peões da Agroeste invadiram uma terra onde viviam 50 famílias e roubaram tudo do agricultor, pato, galinha, porco e, quando os trabalhadores não estavam, eles roubavam tudo das casas. Isto aconteceu com ordem dos donos da empresa que diziam que são proprietários da terra e que os trabalhadores é que estão invadindo terra alheia. Mas nós, sabemos que naquela região, no Caracuru, tem agricultor que tem até 60 anos de moradia e tira da terra todo o sustento para sua família. Numa outra localidade eles tentaram impedir que se trabalhasse a terra. Nós recorremos à justiça, que não resolveu nada. Denunciamos os acontecimentos para o ITERPA — instituto de terras do Pará, para a Secretaria de Agricultura, para o Juiz da Comarca e para o governo do Estado. Conseguimos uma audiência com o governador, para o dia 18 de setembro. Entregamos um abaixo-assinado e um ofício do Sindicato, que o governador Alacid Nunes nem leu. A audiência não durou 2 minutos.

Nós voltamos com o pessoal para a região, fizemos reuniões com os agricultores que continuam lá, sendo até ameaçados de morte pelo fazendeiro que se quiser matar mata mesmo porque tem apoio das autoridades. Tudo indica que o próprio Alacid Nunes, é associado da Agroeste S.A. Frente a isto nosso trabalho no Sindicato está voltado para que os trabalhadores não abandonem suas terras, mesmo sabendo que isto é difícil porque ninguém tem duas vidas. Não tem outro jeito, sair só se for morto.

— Além da Agroeste quais são as principais empresas e fazendeiros que grilam terras na região e como agem?

A fazenda Goianezes, a do Banco Mercantil do Estado de São Paulo, a dos Moreira e uma de um finlandês, são as principais. Normalmente, o fazendeiro chega e compra um pedacinho e depois com a ajuda dos cartórios e do próprio ITERPA aumentam, no documento, a área. De um pedaço de 1000 ha. fazem 10 mil, por exemplo.

Os capitalistas estão jogando os índios contra os posseiros.

Dal fica muita gente dentro desta área então eles começam a impedir que os agricultores tra-

balhem e dizem que a única coisa que podem fazer, se quiserem, é ficar como vigia, assalariado, mas para isto têm que abandonar a terra. O fazendeiro não permite que o agricultor faça roça e crie animais, aí o único caminho é sair. Ou então, quando não usam a violência, fazem como o Banco Mercantil e os Moreira que oferecem miséria para o pessoal vender a terra. Digamos que uma benfeitoria custe mais de Cr\$ 100 mil, a eles oferecem Cr\$ 20 mil dizendo "você não tem o documento da terra, você só mora aqui, para não perder tudo eu dou isto e você sai". Muitas vezes quando o companheiro está desorientado ele aceita, pega o dinheiro e sai.

No Baião, município vizinho nosso, quem atua é um tal de Lázaro. Ele já conseguiu colocar todo mundo para fora, quase mil famílias, atacando vilas, derrubando casas com trator, queimando casas, destruindo plantações. Outro método usado pelo próprio Inca é o de jogar os índios contra os posseiros. O Inca tirou os índios do Tucuruí e colocou numa área perto da Transamazônica. Depois de 6 anos colocaram posseiros dentro da mesma área. É claro que o índio não aceita o posseiro. Por seu lado o agricultor está querendo trabalhar. Aí começa a briga de posseiro e índio. Nós constatamos isto. Depois que o camarada já desmatou

e plantou o próprio Inca tira o pessoal a quem ele mesmo deu o título da terra. Tira o agricultor que expulsou o índio e dá a terra para o fazendeiro. Nós fizemos uma reunião com os índios já perceberam que estamos sendo usados uns contra os outros, em benefício do fazendeiro que fica de fora do conflito. O poder capitalista nunca aparece. Em abril deste ano, no II Encontro dos Trabalhadores Rurais do Pará, tiramos um manifesto à população denunciando tudo isto (Ver box).

— Gatão, uma coisa que está preocupando muita gente por este Brasil a fora é o problema da organização de novos partidos....

A minha vinda aqui em São Paulo foi mais para fazer uma articulação direta com os sindicatos, porque nós descobrimos, em reuniões dos sindicatos rurais que não interessa nada, só os trabalhadores rurais lutarem por uma melhor participação do trabalhador nas decisões políticas do país. Descobrimos que se nós não nos unirmos com os trabalhadores da cidade, nunca vamos conseguir alguma coisa na vida.

Se o PT for um partido de trabalhadores estou nele até o fim.

Enfim, o meu objetivo aqui não foi passeio e não foi também falar de partido político. Mas dentro do sistema que a gente está vivendo e na conjuntura que estamos enfrentando a gente tem realmente que procurar um partido. Lá no Pará, na região em que eu moro, sempre o pessoal fala de PT. Ninguém sabe se é feito realmente pela classe que trabalha, pelo proletariado. Isto realmente me preocupa. Se o PT for realmente um partido que seja do trabalhador, que seja levantado da base, eu topo tranquilamente entrar até, se for o caso, em comissões e coisas assim para levar a idéia pra frente. Estou nele até a última hora. O que eu não posso é tomar decisão pelos trabalhadores rurais do Pará, dizendo que o PT é bom. Seria um doido se fizesse isto. Nós temos que ser consultados, estamos por aí trabalhando no Brasil, não estamos escondidos. Nós somos pelo menos 40% da população do Brasil e a gente está aí e até agora estamos sendo desprezados. Claro que eu reconheço as dificuldades de comunicação, mas é preciso resolver o problema.

Em nome dos trabalhadores rurais do Pará eu posso dizer que nós estamos topando construir a unidade dos trabalhadores. Esta foi a decisão que tiramos nos últimos encontros. Nós devemos lutar para que haja uma unidade dos trabalhadores, inclusive se for o caso devemos criar um partido que pode nem ser o PT, mas que seja realmente um partido dos trabalhadores, decisão dos trabalhadores.

Manifesto à população

Nós, os trabalhadores rurais sindicalizados e não sindicalizados do Estado do Pará, reunidos em Cametá no II Encontro dos trabalhadores rurais deste Estado, nos dias 21 a 25 de abril de 1979, queremos manifestar nossa posição diante da situação de miséria que enfrentamos, denunciando as inúmeras irregularidades que ocorrem em nosso meio.

- ° A insegurança de nossas terras quando somos expulsos das mesmas pelo próprio INCRA, SAGRI, ITERPA e I.B.D.F.;
 - ° Quando somos jogados de encontro com os nossos irmãos índios, os verdadeiros brasileiros;
 - ° Quando somos oprimidos pelas autoridades, Federais, Estaduais e Municipais.
 - ° Quando nossas benfeitorias são destruídas pelos grandes fazendeiros;
 - ° Quando somos explorados pelas empresas multinacionais;
 - ° Quando não temos garantia de preços mínimos para os nossos produtos;
 - ° Quando enfrentamos inúmeras deficiências de transportes;
 - ° Quando não temos condições de nos organizar em sindicatos livres e nossos líderes camponeses são presos, torturados, mortos e exilados;
 - ° Quando não temos voz para exigir do governo aquilo que é necessário para a nossa classe;
 - ° Quando os infratores de títulos falsos de terra não são punidos;
 - ° Quando os títulos de terra irrevogável não são respeitados;
- Protestamos contra as declarações feitas pelo sr. Ministro da Agricultura, quando diz que a

reforma agrária é assunto para "economista desocupado".

Ficamos admirados quando o sr. Ministro afirmou em Jales-São Paulo - aos agricultores: "panela cheia em 1980", com uma produção agrícola grandes condições de financiamento ilimitável. E nós aqui no Norte estamos vendo a opressão, para tomarem nossas terras, que nos tira todas as possibilidades de termos estas panelas cheias.

Além de todas estas dificuldades enfrentadas por nós aqui na Amazônia acreditamos mesmo que em todo o Brasil as dificuldades são as mesmas.

Neste encontro vimos lágrimas nos olhos dos nossos companheiros, que estão sofrendo nas suas peles as consequências do poder capitalista implantado em nosso país. Diante dessa situação não nos fechamos para informar a todos os companheiros trabalhadores. Pedimos a todos os companheiros trabalhadores do Brasil, que se sintam irmanados conosco na luta para conseguirmos os nossos direitos para que nós unidos formemos uma corrente forte onde os trabalhadores possam ter voz e participação nas decisões políticas de nosso país!

- ° POR SINDICATOS LIVRES!
 - ° POR UMA REFORMA AGRÁRIA RADICAL!
 - ° POR SALÁRIOS JUSTOS E BOAS CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA OS ASSALARIADOS RURAIS!
 - ° POR ANISTIA Ampla GERAL E IRRESTRITA!
- Trabalhadores Rurais reunidos em Cametá